

DOENÇA DE
CITROS E CAFÉ EM
OLIVEIRAS DO ES

CAFÉ ORGÂNICO
COM AJUDA
DOS OVINOS

PRODUÇÃO DE
CAMARÃO AINDA SOFRE
OS EFEITOS DA SECA

BANANA DA
TERRA COM ALTA
PRODUTIVIDADE

SAFRAS

ANO 9 | EDIÇÃO 44 | R\$ 14,90
AGOSTO/SETEMBRO 2020

DO AGRO CAPIXABA PARA O BRASIL



Desvendando o Compost Barn

O DESAFIO PARA PECUARISTAS É ALCANÇAR MAIOR PRODUTIVIDADE
E PROPORCIONAR BEM-ESTAR AOS ANIMAIS. SERÁ POSSÍVEL?



**GARANTA O
MELHOR RESULTADO
PARA A PRÓXIMA
COLHEITA!**

FAÇA A ANÁLISE DE SOLO E
MELHORE A PERFORMANCE
DA SUA LAVOURA.



Água Limpa
LABORATÓRIO
ANÁLISES AGROQUÍMICAS

BR 262, Após o Trevo Zebu
Manhuaçu - MG | (33) 3332-3700

Av. Celina Ferreira Ottoni, Resent
Varginha - MG | (35) 3214-3972

www.laboratorioagualimpa.com.br

Na Cresol,
mesmo depois da
colheita sua safra
continua **rendendo**.

Garantimos
a **Segurança** do
seu **investimento**
e multiplicação da
sua **produção**.



CRESOL





A VIDA IMITOU A ARTE, E DA PIOR FORMA

Quando a gente vai escrever o editorial de uma edição que está prestes a ser compartilhada, passa um filminho na nossa cabeça...

Desde as primeiras conversas sobre as pautas (os assuntos que serão tratados), quem vai produzir, como viabilizar as entrevistas, os encontros (e neste tempo de pandemia é um desafio a mais), a qualidade das imagens, toda uma engrenagem para que a revista chegue até você com a qualidade que a nossa equipe persegue. Muito bem, esse é o nosso ofício.

Mas nesta edição, particularmente, tantos temas estão rondando a minha cabeça e, com toda a licença editorial, não consigo controlar e deixar de compartilhar com vocês, nossos leitores e seguidores.

A ideia inicial deste texto era exaltar a inovação e a tecnologia que estão tornando o agronegócio no Brasil mais inteligente. Isso, limpo, produtivo, sustentável e em maior conexão com a preservação ambiental. Tempos atuais de agricultura de precisão, drones, utilização eficiente de recursos, mais produtividade em menores áreas, que vêm gerando a migração de uma geração inteirinha de cérebros e gente pensante ligada ao agro. Um sonho que já virou realidade. É o êxodo urbano. Uhu! Ponto pro campo! No entanto, essa conversa será mais aprofundada no próximo editorial.

O que está me consumindo mesmo é como a vida imitou a arte. E em muito. Infelizmente nas categorias Drama e Terror.

Sou do Rio de Janeiro. E por lá tudo parecia que as coisas iam de mal a pior. Quando a gente achava que já tinha visto de tudo, depois de uma turma de políticos na gaiola, vem o novo governador e faz o quê? A mesmíssima coisa. E, novamente, mais um chefe do Executivo estadual fluminense é afastado de suas atividades.

Aí tem a deputada pastora evangélica, indiciada pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, acusada de matar o marido, aliciar menores, manter relações sexuais com os filhos, algo semelhante às orgias romanas e o oposto do que pregam figuras públicas religiosas.

Depois, o padre católico de Goiás, investigado pelo Ministério Público Estadual, suspeito de ter desviado mais de R\$ 120 milhões de doação de fiéis. O padre mais parece ser um especialista em investimentos imobiliários, e até comprador de avião. O problema é que ele controlava bilhões de reais de donativos de uma obra inacabada, símbolo da fé de milhares de fiéis gratos ao Divino Pai Eterno.

Antes, já havíamos conhecido a história insana e absurda do tal médium João de Abadiânia (que pode ser chamado de qualquer outra coisa, menos de João de Deus), acusado de abusar sexualmente de mais de 330 mulheres, indiciado por falsidade ideológica, corrupção de testemunha e coação e posse ilegal de armas de fogo e munição.

Casos como esses prejudicam a fé? Como fazer a separação entre religião e crimes?

Para a pesquisadora em Direito Ana Beatriz Pedrosa (em entrevista publicada no site Pleno.news) "os casos se relacionam pelo meio em que cada um dos criminosos estava envolvido, o meio religioso. Em razão da má utilização da fé, bem como da gravidade dos crimes cometidos, é possível observar um aspecto immoral nos delitos cometidos". Ela também acredita que os três casos emblemáticos mostram que ilícitudes podem acontecer no âmbito de qualquer religião. "Que a religião pode ser falha, mas a fé é inabalável!".

Encontrei nessa referência a pista que precisava. Sejam católicos, evangélicos, espiritas ou de qualquer outra religião, o foco está em algo muito superior aos homens. Esses sim, falhos e que merecem a sentença da Justiça.

E o que isso tem a ver com a nossa edição? Sinceramente, não sei mesmo. Mas queria muito compartilhar os pensamentos que povoam minha mente neste período e nos faz pensar que somos humanos demais para entender tudo isso, exatamente como diz a canção.

**Revista Safra ES edição 44 nova no pedaço. Aproveite!
Boa leitura!**

Kátia Quevedez

Jornalista Responsável
Comercial
MTb 18569 RJ

Luan Ola

Projeto Gráfico /
Diagramação

Leandro Fidelis

Rosimeri Ronquetti

Wellington Anholetti
Colaboradores da edição

Circulação

Nacional

Edição 44

AGOSTO/SETEMBRO 2020

Representante Brasília

LINKEY REPRESENTAÇÕES
(61) 3202 4710 / 98289 1188
linda@linkey.com.br

Assessoria Jurídica

Bastos e Marques
Advocacia

Capa

Foto PÂMELA KOPPE/
ARQUIVO SAFRA ES

A revista **SAFRA ES**
é uma publicação da
CONTEXTO CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI-ME
CNPJ: 06.351.932/0001-65

Endereço para correspondência

REVISTA SAFRA ES
RUA RIO GRANDE
DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO
- GUAÇUÍ - ES
CEP: 29560-000

Anuncie

28 99976 1113
comercial@safraes.com.br
katiaquevedez@gmail.com

SAFRA ES



Valorize o produtor

Você que trabalha de sol a sol e sustenta a nossa economia. Você que alimenta o mundo, que trabalha com garra e determinação.

Você, produtor rural, é nosso orgulho!

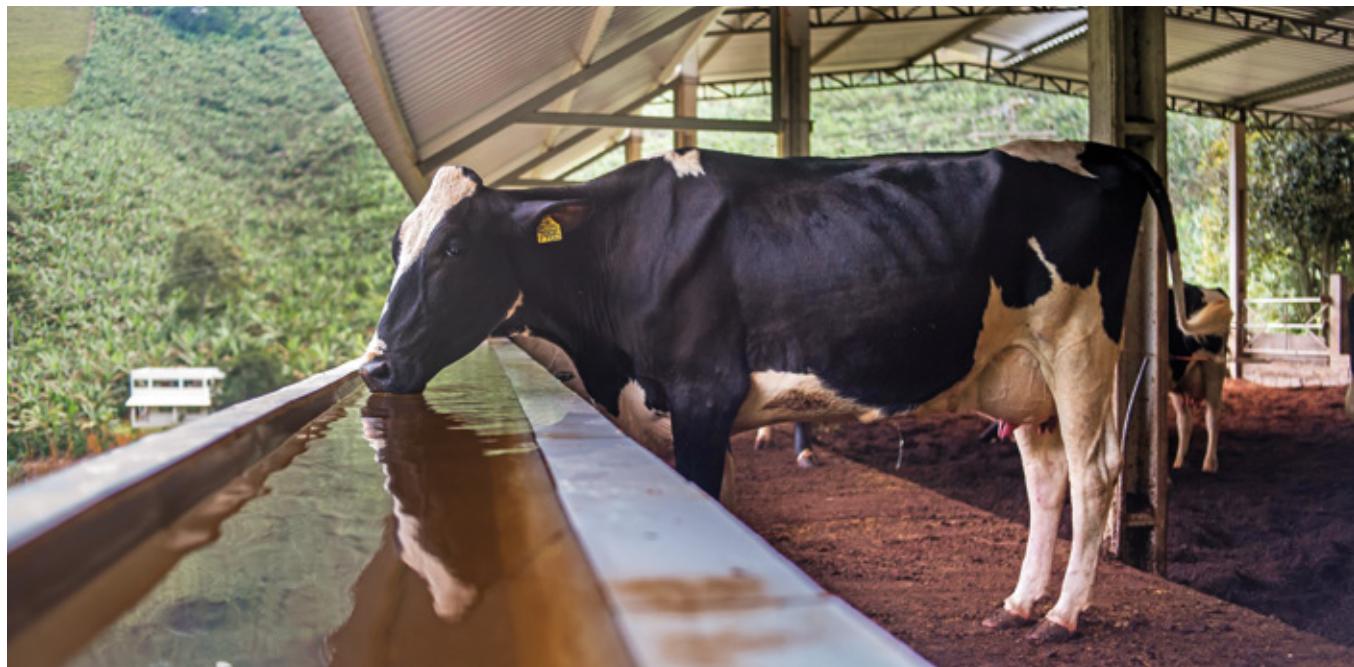
Enós, da Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (Faes), do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES) e dos Sindicatos Rurais estamos ao seu lado para o que você precisar. Obrigado por toda dedicação à agropecuária capixaba!

Conheça a história de produtores rurais do Espírito Santo:
www.senar-es.org.br/valorizeoprodutor

O DESAFIO PARA
PECUARISTAS É
ALCANÇAR MAIOR
PRODUTIVIDADE E
PROPORCIONAR
BEM-ESTAR AOS
ANIMAIS. SERÁ
POSSÍVEL?

Desvendando o Compost Barn





REDAÇÃO SAFRA ES safraes@gmail.com

Um assunto vem povoando a mente de muitos pecuaristas. Vale a pena migrar para o Compost Barn (CB)? A oportunidade de tirar as dúvidas sobre este sistema de produção leiteira foi o tema do seminário promovido pela coordenação da Exposul Rural, no dia 23 de julho. Durante quatro horas, produtores rurais e técnicos do setor assistiram a palestras on-line e abordaram aspectos fundamentais como custos de implantação, formas de manejo e tipos de alimentação, além da sustentabilidade ambiental e econômica do CB.

Neste sistema, as vacas ficam confinadas em um galpão e a cama se transforma em composto orgânico. O tema é extremamente atual e chama a atenção dos produtores capixabas, sendo inclusive abordado em duas reportagens especiais da Safra ES (edições nº 31 e 41). O diferencial é a alta produtividade de leite com médias superiores a 25 litros por animal por dia. Algumas vacas chegam a mais de 70 litros/dia.

No Espírito Santo, são cerca de 45 propriedades rurais em 28 municípios com Compost Barn, sendo metade delas no sul capixaba, além da região metropolitana e Santa Maria de Jetibá. Este último município, na região serrana, concentra os dois maiores galpões de Compost do Estado, de acordo com levantamento da coordenação da Exposul Rural. Juntos, os galpões capixabas são responsáveis pela produção de 48.110 litros de leite/dia.

A média de produção por vaca é bem superior à das fazendas que optam por criação em sistema de pastejo rotativo. “Os produtores que já adotaram o sistema avaliam como pontos positivos o baixo custo de instalação, a facilidade de manejo das vacas, o controle de carrapatos, a redução dos casos de mastite, aumento na produção e a melhoria da qualidade do leite”, destaca o secretário de Agricultura de Cachoeiro, Robertson Valladão.

Entre os produtores que se dizem satisfeitos está Emanuel Moulin, da Fazenda 3E, em Jerônimo Monteiro, sul do Estado. Há pouco mais de um ano, a fazenda produzia em sistema de pasto (pique-te rotacionando), média de 24 litros por vaca/dia.



Hoje, os mesmos animais produzem no regime de Compost Barn uma média de 40 litros/dia, um incremento em torno de 70%, que se transforma em retorno financeiro para a propriedade.

NO ESPÍRITO SANTO SÃO CERCA DE 45 PROPRIEDADES RURAIS EM 28 MUNICÍPIOS COM COMPOST BARN, SENDO METADE DELAS NO SUL CAPIXABA, ALÉM DA REGIÃO METROPOLITANA E SANTA MARIA DE JETIBÁ

CONFORTO

Durante o seminário, os palestrantes Alessandro de Sá Guimarães, pesquisador da Embrapa Gado de Leite, e Marcos Neves, professor da Universidade Federal de Lavras (Ufla) responderam aos principais questionamentos dos produtores de leite.

Para Alessandro, o foco da produção leiteira mundial está no bem-estar animal, daí a importância do sistema. “O gado de leite requer um ambiente adaptado para ele poder expressar o seu potencial. É cada vez mais importante fornecer manejo mais



adequado ao rebanho e novas instalações, que permitam aos animais um comportamento mais natural possível, com as vacas podendo ser ordenhadas limpas, com boa produtividade e conforto térmico”, afirma.

Segundo o pesquisador, em função dos diversos prejuízos ocasionados pelo estresse térmico, pecuaristas norte-americanos criaram o CB na década de 1980. O sistema chegou ao Brasil em 2011 como alternativa ao sistema de piquete e ao confinamento de “Free Stall”, e o aumento do custo de energia era apontado como desvantage-

gem. Atualmente, os projetos seguem o conceito de “intensificação sustentável”, visando beneficiar os animais, o ambiente e a sociedade, com produção crescente de nutrientes para consumo humano.

Dentre as vantagens, o especialista destaca o conforto animal, com mais espaços livres, redução de problemas locomotores, diminuição do número de descarte de vaca, redução do impacto ambiental, com uso do composto na agricultura, maior produtividade e estabilidade da produção de leite durante o ano, além do melhor custo x benefício da atividade.

Uma das tecnologias desenvolvidas e aplicadas no Brasil é o túnel de vento, utilizado em ambiente controlado e fechado lateralmente. “A temperatura diminui até dez graus em comparação com a externa. Outro ponto importante é poder trabalhar com a maternidade pré-parto dentro do galpão. Não foram verificados problemas de saúde em bezerros nascidos dentro do composto com camas bem remanejadas”, salienta.

GIROLANDO SE ADAPTA BEM AO SISTEMA

E quanto às raças bovinas mais adaptáveis? O pesquisador da Embrapa Gado de Leite Alessandro Guimarães destaca já existirem vários compostos para gado Gir e Girolando, por exemplo, com excelentes resultados. A raça mestiça apresenta alta versatilidade e boa produtividade, como relataram alguns produtores durante o seminário.

É o caso do Emanuel Moulin, de Jerônimo Monteiro. Depois de muito ouvir sobre a aptidão superior do gado Holandês para leite, sempre priorizou a raça. “Nossa região é muito quen-

te e sempre tive alto custo com medicamentos, pois o gado sofria com o clima. Hoje, 99% do meu rebanho é meio sangue e confinado em Compost Barn com alta produção e gasto minimizado. Os animais estão me dando muito retorno”, diz.

Para Marcos Neves, professor da Universidade de Lavras, a dificuldade de reproduzir vacas holandesas puras no Espírito Santo explica a opção pelo gado Girolando. “Tem que ter muita experiência, não é algo fácil. Tem Compost Barn com Girolando com alta produção”.

■ DIVULGAÇÃO / TECNOLOGIANOCAMPO.COM.BR



Quem optou pelo confinamento do Girolando em CB está utilizando a propriedade para outros fins. Em Minas Gerais, ressalta Guimarães, pecuaristas liberaram o espaço

anteriormente de pastagem da fazenda para produção de grãos, maximizando a área.

Em outras regiões montanhosas, a exemplo de Juiz de Fora, também naquele Estado, onde produtor tirava leite em sistema rotacionado de capim elefante e tinha sérios problemas com mão de obra o Compost Barn foi um acerto.

“Teve caso de fazenda onde não parava funcionário na ordenha das vacas por causa das limitações nos dias de chuva. Hoje, não existe mais rotatividade, a propriedade tem equipe permanente e vacas com ubre limpo. Essas questões de mão de obra e melhor uso da terra são fatores que têm pressionado os produtores para o sistema mais intensivo de produção”, salienta o pesquisador da Embrapa Gado de Leite.

Mesmo funcionando bem, independentemente da raça, o Compost traz um desafio, principalmente em regiões com verão muito úmido, analisa Alessandro Guimarães. “O produtor deve ficar atento à qualidade do leite, à ocorrência de mastite e ao manejo da cama para evitar a incidência das bactérias ambientais”.

Além disso, os pecuaristas devem observar a temperatura e a umidade relativa do ar na estação mais quente do ano para evitar perda de produtividade de rebanho. Ales-

sandro Guimarães acredita que os pesquisadores vão aprimorar o sistema com monitoramento da umidade da cama em galpão fechado para gerar informação para o setor produtivo.

RETORNO

Mas será que vale a pena o pequeno pecuarista investir em Compost Barn? É viável financeiramente para eles? De acordo com a Associação de Criadores e Produtores de Gado de Leite do Espírito Santo (ACPGLES), o custo médio é de R\$ 2.900,00 a R\$ 3.200,00 por vaca alojada. No entanto, é possível obter retorno do capital investido no galpão em até cinco anos.

É o que afirma o pesquisador Alessandro Guimarães. Com base em dados reais, considerando um rebanho de 100 vacas em lactação, ele simula três cenários: um otimista (vacas

com aumento de produção de 12 litros/vaca/dia ao longo do ano e bônus de três centavos pela qualidade do leite), um pessimista (aumento pequeno da produtividade do rebanho, de 3,5 l/vaca/dia e bônus de um centavo) e um mediano, com 7,75 l/vaca/dia e bônus de dois centavos). A conta fecha com um total de receitas adicionais em: R\$ 451.140,00, R\$ 129.027,50 e R\$ 288.532,50, respectivamente.

“Vale ressaltar que só avaliamos a qualidade do leite, mas não computamos melhorias nos índices de reprodução, redução no uso de medicamentos... Isso tudo no final compõe maior lucratividade na propriedade. A margem bruta do leite oscila entre 10% até 50% durante o ano, mas considerando a de 30% nos três cenários, percebe-se no mediano ser possível obter retorno do investimento em até cinco anos”, pondera.

‘COMPOST É UMA DECISÃO DO PRODUTOR’, DIZ PROFESSOR

Cabe ao produtor de leite a decisão de migrar para o sistema de Compost Barn. “É apenas uma opção de vida. O sistema não é de alta produção como o ‘Free Stall’. É uma decisão do pecuarista. Ao aumentar o leite das vacas, elas vão comer mais. Quando a vaca entra em confinamento e conforto, investe-se em telhado, concreto, ventilador e energia. Se não tiver leite alto, você fecha. A dieta é cara, a vaca tem que

dar leite. Qualquer confinamento vai exigir preço de leite alto”, destaca o professor Marcos Neves.

A palestra com Neves teve como tema “*Princípios da alimentação de vacas leiteiras em confinamento*”. O professor da Ufla destacou a importância

das práticas de manejo em nutrição em torno do paro em sistemas confinados para a saúde dos animais e o controle do distúrbio metabólico e da combinação forragem x concentrado x manejo da cama, do vagão e do coxo para garantir alto desempenho na produção.

De acordo com o professor, forragem é um item pequeno na contabilidade das fazendas, entre 10% a 15% dos gastos. Em compensação, os concentrados são o maior item de custo. “Se eu for eficiente em alimentar, tenho altas chances de ter sucesso. Vai impactar muito a eficiência do sistema de produção de silagem na propriedade. Pesa muito mais na conta que a opção forrageira”. Para ele, silagem de milho úmido ou reidratado ou sorgo reidratado impacta mais positivamente nos resultados.

Outro ponto importante, conforme Neves, é que na relação de leite/vaca e renda líquida dividida pelo valor dos bens, ou seja, a taxa de retorno sobre os bens, a maior lucratividade está associada ao uso mais eficiente da mão de obra, aparentemente determinada pelo uso de concentrados e maior produção por vaca. “O que explica isso? Ge-

renciamento, eficiência de compra, lidar com o dia a dia da fazenda”.

E outra decisão importante: ao produzir forragem, tanto para alimentação como revestimento do local onde dorme o animal, o pecuarista deve analisar se a eficiência agronômica da espécie é compatível com a estrutura da fazenda. “As opções são várias, deve-se optar sempre pela forragem mais eficiente. Moral da história:

“nunca pense só no preço do quilo do capim, mas no da dieta total. Tudo o que o animal consome por dia vai virar leite”, finaliza Marcos Neves.



O bem-estar animal é o estado de harmonia entre o animal e seu ambiente, caracterizado por condições físicas e fisiológicas ótimas e alta qualidade de vida do animal.



CONTATO: (46) 3550-8200
(46) 3550-8209
www.agrobrisa.com

Representante Autorizado - ES
Eduardo Girelli
(27) 9 9686-4427

Temperatura, umidade relativa e velocidade do ar, tem efeitos diretos sobre o bem-estar animal, e consequentemente sobre:

- ✓ Controle dos índices de temperatura e umidade de acordo com a necessidade do animal e época do ano.
- ✓ Permite que o potencial genético e a capacidade de conversão alimentar sejam evidenciados.
- ✓ Facilita dissipaçāo de calor.
- ✓ Melhora a produção de leite, vaca dia.
- ✓ Melhora os índices de prenhez e reprodução.
- ✓ Melhora sistema imunológico, prevenindo doenças.
- ✓ Regularidade nos ciclos do parto.
- ✓ Diminui o estresse.
- ✓ Atende as normativas do bem estar animal.
- ✓ Maior uniformidade entre os animais.
- ✓ Diminuição de perdas de 10% a 20% da produtividade.
- ✓ Melhora significativa da qualidade do leite.
- ✓ Benefício de chegar no verão com números produtivos e reprodutivos próximo ao inverno.
- ✓ Menores problemas de cascos, em consequência da vaca ficar mais tempo deitada.

SISTEMA A PASTO vs. COMPOST BARN vs. FREE STALL

	FREE STALL	COMPOST BARN	SISTEMA A PASTO
Custo de construção	Alto	Intermediário	Baixo
Custo Operacional	Médio	Médio a alto	Mais baixo
Possibilidade de os animais se exercitarem	Regularmente	Regularmente	Regularmente
Mecanização	Facilidade de mecanização	Facilidade de mecanização	Baixa necessidade de mecanização
Flexibilidade para organizar os animais em lotes	Alta	Alta	Baixa a média (lotes não ser homogêneos)
Competição entre os animais	Alta (deve-se garantir espaço suficiente por animal no cocho)	Média (há mais espaço para as vacas, o que dá maior liberdade de andar e deitar)	Baixa
Atenção individual	Média	Média	Baixa
Limpeza das vacas	Depende do manejo (vacas nesse sistema podem ficar bem limpas ou sujas, dependendo do manejo da cama e limpeza das instalações)	Depende do manejo (o manejo da cama é o ponto mais crucial do sistema e precisa ser bem feito para garantir a limpeza das vacas. Em sistemas bem manejados, as vacas ficam tão limpas quanto em um free stall bem manejado)	Depende do manejo (deve-se tomar cuidado com presença de lama e dejetos)
Necessidade de área disponível	Média a baixa	Alta (é necessária uma área relativamente grande por vaca)	Alta
Custo de produção de leite	Maior, de forma que o sistema é indicado para vacas de média a alta produção de leite	Intermediário, pois o custo de instalação do sistema é mais baixo que no free stall, mas o custo operacional é relativamente mais alto. Indicado para vacas de média a alta produção de leite	Menor, indicado para vacas de baixa produção de leite
Conforto térmico	Alto, o que é uma das grandes vantagens desse sistema em locais com alta ocorrência de estresse térmico entre os animais	Alto	Depende do manejo e da presença de sombra aos animais, podendo ser insuficiente em áreas com grandes ocorrências de estresse térmico
Controle da dieta	Alto	Alto	Baixo
Produção de leite por área	Alta (necessária para que viabilize o sistema)	Alto	Baixo
Problemas de casco	Depende do manejo (pisos abrasivos, limpeza do confinamento, podem interferir nessa variável)	Baixo (a superfície onde as vacas ficam em pé é mais macia. Além disso, as vacas têm mais liberdade e espaço para se locomover)	Depende do manejo (terrenos irregulares, alta presença de lama e dejetos, longas distâncias de caminhada, podem interferir nessa variável)
Necessidade de mão de obra qualificada e conhecimentos técnicos	Média a alta	Média a alta	Baixa
Risco de transmissão de doenças	Mais alto	Médio a baixo	Médio a baixo
Ocorrência de mastite	Depende do manejo (cuidados especiais para limpeza das instalações e dos animais, além da sala de ordenha)	Geralmente mais baixa quando bem manejado (pela redução de mastite ambiental pela menor carga microbiana na cama, melhoria da condição de higiene das vacas antes da ordenha e melhoria no sistema imune das vacas promovida pelo ambiente mais confortável)	Depende do manejo (cuidados especiais para limpeza dos animais, atenção à presença de lama, estresse calórico)



ADESÃO. "No início fiquei meio com o pé atrás em tentar associar o nome da Selita a este formato de produção, tendo em vista a demanda de capital razoável para o investimento, produção de alimento em quantidade e qualidade e o manejo da cama. Meu receio era nosso quadro social com maioria de pequenos produtores. Mas como cooperativa, temos que nos atentar à qualidade do leite, ao bem-estar dos animais e à sustentabilidade, caso do excelente material orgânico oriundo do Compost Barn. Aderimos porque é uma tendência. Nós da Selita estamos prontos para receber produtores com este sistema" (João Batista de Souza, produtor de leite e vice-presidente da Selita)

ORIENTAÇÃO. "Venho destacar a importância do Compost Barn na pecuária de leite. Temos visto que o melhoramento genético fez avançar muito o progresso no sistema. Houve uma evolução muito grande, vide o caso da Fazenda 3E, mas é preciso orientação técnica na construção dos galpões para o produtor não ter erros e obter sucesso" (Célio Melo Theodoro- controle leiteiro da ACPGLES)



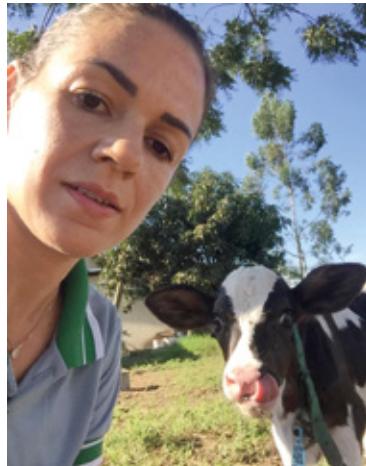
PREOCUPAÇÃO. "Os grandes desafios do CB nos próximos anos: os investimentos e o manejo da cama, sobre qual material usar, considerando a umidade relativa do ar no verão. Opções como serragem, maravalha e palha de café estão ficando cada vez mais difíceis para o produtor, principalmente por causa da competição com os granjeiros e o número restrito de serrarias que produzem esse material. Por fim, estamos assistindo cada dia menos propriedades fazendo plantio e replantio de eucalipto para a cama. Isso está se tornando momentâneo, mas pode se agravar daqui por diante. Praticamente somos convidados toda semana para executar projetos dessa natureza. Mas a primeira preocupação é com relação à cama do Compost" (Joedson Scherrer- técnico da ACPGLES)

SILO À GRANEL

VANTAGENS

- REDUÇÃO DE ESFORÇO FÍSICO
- LIVRE DE MANUSEIO DE SACARIAS
- LIVRES DE ROEDORES, MOFOS, UMIDADE
- REDUÇÃO NO CUSTO DA RAÇÃO





Em São Mateus, o Compost Barn é liderado por uma mulher. **Lucélia Bolzonello** implantou o sistema de produção de leite há um ano. Ela cria 53 animais de frações genéticas ¾ e 7/8 holandesas, mas a estrutura da fazenda tem capacidade para 60 cabeças. Enquanto a pecuarista toca a criação, o marido Walmir fica por conta da produção vegetal. A produção média é de 28 kg de leite por cabeça, considerada boa para o clima do município.



O produtor de leite **Edson Galvão**, de Castelo, no sul do Estado, produz leite há mais de 50 anos. Ele faz parte da segunda geração da família e optou pelo Compost Barn no início do ano passado. A estrutura de confinamento que comporta 70 animais utiliza eucalipto, opção de baixo custo, e ventiladores. "O sistema é bastante funcional e mantém a cama sempre seca", diz.

SEMINÁRIO AGITOU SETOR LEITEIRO



O seminário sobre Compost Barn foi o primeiro evento do calendário da coordenação da Exposul Rural realizado durante a

pandemia. O evento ocorreu “Na Nuvem e Na Terra”, ou seja, com partes virtuais,

pela Internet, e presenciais, em sete salas de debate em Cachoeiro de Itapemirim, Santa Maria de Jetibá, Castelo, Jerônimo Monteiro, São Mateus, além de uma sala especial na Polônia. Participaram cerca de 300 pessoas.

Para o coordenador de pecuária do Incaper, Bernardo Mello, correificador do seminário, o nível técnico do evento foi muito bom. “Nós conseguimos falar o que o Espírito Santo estava precisando ouvir e tivemos como resultado um excelente material didático”.

Essa também foi a opinião de internautas de várias partes do país. A exemplo de Rafaela Resende, de Viçosa (MG), que enviou mensagem de agradecimento. “Seminários iguais

“NÓS CONSEGUIMOS FALAR O QUE O ESPÍRITO SANTO ESTAVA PRECISANDO OUVIR E TIVEMOS COMO RESULTADO UM EXCELENTE MATERIAL DIDÁTICO”
 (BERNARDO MELLO- CORREALIZADOR DO EVENTO)

a esse sempre ajudam a tirar as dúvidas. Vocês estão de parabéns”, afirmou.

O Seminário ExpoSul Rural Compost Barn foi moderado pela jornalista Kátia Quedevêz, editora da Safra ES, direto de um estúdio montado em Cachoeiro. De lá ela apresentou os palestrantes e chamou os debatedores nas salas presenciais coordenadas pelas principais instituições do setor no Es-

tado, os sindicatos rurais de Cachoeiro e São Mateus, as associações de gado de leite ACPGLES e Núcleo Giro-lando, e as Cooperativas Selita e Cacal. A sala de debates da Polônia teve a participação de doutorandos brasileiros, indianos e chineses.

A primeira palestra foi “*Infraestrutura, manejo e qualidade do leite em sistema de Compost Barn*”, com o Alessandro Guimarães, e a



Izaias Paulino, o “Zazá”, diretamente da Sala Internacional, em Poznan (Polônia)

segunda, “*Princípios da alimentação de vacas leiteiras em confinamento*”, com Marcos Neves. As palestras e os debates estão disponíveis na íntegra no canal da ExpoSul Rural no YouTube. Outras informações podem ser obtidas no site www.exposulrural.com.br.

A MAIOR TECNOLOGIA NA MENOR PARTÍCULA



NHT® é uma linha de fertilizantes fluidos com altíssima concentração de nutrientes para a máxima produtividade e rentabilidade no campo.





BOI BRAHMAN: CARNES PREMIUM COM ABATE ANTES DOS 2 ANOS

Dentre as várias fêmeas que compõem o plantel ZRM, há duas especiais: a primeira é a Fada, bezerra campeã em Uberaba (MG), que conta hoje com duas filhas. A mais velha está prenha com previsão de parto para setembro deste ano, antes de completar os 30 meses de idade, enquanto a segunda desmamou em agosto. Além disso, foi coletado um ócito da Fada, gerando um macho em fêmea barriga de aluguel.

A PRECOCIDADE DA RAÇA É UMA DAS MAIORES VANTAGENS PARA PECUARISTAS DE CORTE

Já há algum tempo o gado Brahman vem se tornando um “queridinho” entre os pecuaristas capixabas. A rusticidade, a docilidade e a precocidade da raça, aliadas ao manejo simples, tornam o rebanho produtivo e lucrativo.

É justamente este desenvolvimento rápido dos bezerros que garante mais saída para os negócios dos produtores. Antes dos dois anos, o Brahman alcança de 18 a 20 arrobas (o equivalente a 500 ou 600 kg). O peso é considerado ideal para o abate e rende carnes “premium”.

O nicho de mercado de carnes diferenciadas é cada vez mais apreciado pelos consumidores. E os frigoríficos remuneram melhor o ganho de carcaça. É o caso do Brahman, que proporciona cortes diferenciados assim como outras raças (Angus e Hereford, por exemplo).

Segundo o criador registrado pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Paulo José Moreira Machado, de Cachoeiro de Itapemirim, no

sul do Espírito Santo, um dos cortes é o “Prime Rib”. “Enquanto no gado comum esse corte do acém é extremamente duro, no Brahman é muito saboroso e valorizado”, atesta Paulo.

Grande entusiasta da raça bovina, Paulo Machado é proprietário da marca ZRM e se tornou referência em Brahman pelo pioneirismo no Estado. A Fazenda Salgadinho, na estrada entre Cachoeiro e Vargem Alta, recebe de duas a três visitas por semana de pecuaristas interessados na criação do animal.

Os bois com a marca ZRM são produzidos sob três pilares: genética melhorada, alimentação balanceada e rigorosos critérios de sanidade para controle de doenças. “A

genética precoce do Brahman exige alimento diferenciado, pois eles ganham peso rápido. O desmame ocorre, em média, com sete, oito meses de idade quando os bezerros atingem de 260 a 280 kg de peso vivo”, destaca Machado.

TUDO MUITO CEDO

A precocidade do gado Brahman não está só na idade para o abate. A idade fértil tanto de machos e fêmeas antes do início da puberdade de outras raças permite ao pecuarista organizar melhor o rebanho. Só para se ter ideia, a fêmea emprenha já aos 18/20 meses de idade e para antes dos 30 meses.

Os bezerros nascem com 28/30 kg. Nos primeiros meses de vida, os animais mostram desenvolvimento precoce e chegam ao desmame entre 260



Este é o ZRM 115, com 22 meses de idade e 650 kg. Trata-se de um exemplar Red Brahman, uma variedade da raça Brahman.



Filho da premiada Fada, o Imperador nasceu em barriga de aluguel. Tem nove meses de idade e pesa 300 kg

kg e 280 kg, alcançando rapidamente 300 kg ou dez arrobas. Com a arroba de bezerro bom está em torno de R\$ 300,00, apura-se R\$ 3.000,00 por bezerro, viabilizando o investimento em genética e manejo.

“A genética do Brahman é o grande diferencial, daí ser uma excelente opção para pequenos proprietários. Enquanto o bezerro comum se cria com cinco a seis arrobas, o do Brahman tem de oito a nove arrobas”, afirma.

A maioria dos clientes é da região serrana capixaba e cafeicultores. Segundo

Machado, os produtores vêm optando pelo gado Brahman para produzir bezerros melhores e apurar genética superior, além de buscarem evitar dor de cabeça com alguns comportamentos dos animais na rotina da fazenda.

“Quando eles veem a docilidade do gado e outras qualidades não pensam duas vezes, pois já estão cansados de consertar a cerca ou terem problemas no manejo das vacas”, diz o criador.

Atualmente, o empreendimento ZRM (Fazenda Salgadinho) reteve todas as fêmeas jovens da propriedade, num total de 32 cabeças, para

A outra fêmea espetacular é denominada 412 e foi vice-campeã na modalidade Brahman a pasto, também em Uberaba, em 2018. A primeira cria foi macho e está agora parida de fêmea. Também teve células reprodutoras coletadas, gerando duas fêmeas excepcionais em barriga de aluguel. São características que demonstram a precocidade da raça Brahman e, em especial, do plantel ZRM.



A vaca 412, com o filhote macho com três dias de nascimento



Fada com as duas filhas (Clarabela e Missbela)

garantir matrizes de qualidade. Machado diz que já foram geradas 18 fêmeas com Fertilização in Vitro (FIV) e implantadas em barrigas de aluguel, acelerando o plantel de maneira rápida e eficiente.

Se o pecuarista interessar em iniciar os negócios a partir de um reprodutor, um tourinho Brahman está à venda pela ZRM a partir de R\$ 5 mil.

*Entre em contato com
Paulo Machado: (28) 99999-5574

LABORATÓRIO
QUE CUSTOU MAIS
DE R\$ 1,2 MILHÃO
CONTINUA FECHADO
E RETOMADA DA
PRODUÇÃO EM GRANDE
ESCALA AINDA É INCERTA
APÓS TRÊS ANOS DO
FIM DA ESTIAGEM
PROLONGADA NO ESTADO

CARNICULTURA

Produção de camarão ainda sofre os efeitos da seca no noroeste do ES



ROSIMERI RONQUETTI E WELLINGTON ANHOLETTI _ safraes@gmail.com

De 25 toneladas e uma média de 40 carcinicultores em 2014 para 7,5 toneladas e apenas quatro produtores em 2018, último dado consolidado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa é a realidade da produção do Camarão da Malásia, em Governador Lindenberg, no noroeste do Espírito Santo.

Historicamente, o município sempre foi e continua sendo o maior produtor de camarão de água doce no Espírito Santo. Porém, após a estiagem de 2014, a produção caiu 70%. Governador Lindenberg já teve 20 hectares do município ocupados com camarão.

A seca ocorreu na fase considerada a melhor da produção pelos carcinicultores. É que após quatro anos de espera, em 2014, foi inaugurado o laboratório de pós-larvas de camarão, solucionando

assim um dos maiores gargalos enfrentados pelos produtores na criação do crustáceo. Até então, a pós-larva era comprada no Rio de Janeiro e a perda era muito grande devido o tempo da viagem.

Localizado em Novo Brasil, distrito de Governador Lindenberg, o laboratório produzia pós-larvas de qualidade, mas nem chegou a funcionar plenamente, conforme explica o Engenheiro agrônomo coordenador do escritório do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, (Incaper) , Jair Antônio Toso. “Antes de funcionar plenamente, e se tornar autossustentável, veio a seca e o laboratório parou”, diz Toso.

As pós-larvas também seriam comercializadas para carcinicultores de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. O laboratório, que custou aos cofres públicos mais de R\$ 1,2 milhão, continua fechado. O



O laboratório não tem previsão para voltar a funcionar

projeto foi criado com recursos do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário, atual Secretaria do Desenvolvimento Agrário, em parceria com a Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) e a prefeitura.

MAL COMEÇOU E PRECISOU PARAR

“O laboratório demorou para ficar pronto. Quando inaugurou e começou a funcionar, a gente achava que ia dar uma alavancada na atividade tanto de quem já produzia, quanto de quem se preparava para iniciar o cultivo. Veio a seca e acabou com tudo. Ficamos sem água e precisamos parar de produzir”. O desabafo é do produtor **José Agostinho**

Brunoro, da localidade de Córrego Divino, interior de Governador Lindenberg.

Um dos pioneiros no cultivo de camarão no município, Agostinho se dedicou à atividade por 22 anos e só parou por causa da estiagem. Na esperança que ia chover e resolver o problema, o carcinicultor perdeu também, na época, três colheitas de café.

“Fiquei tentando o camarão, apostando que ia chover e voltar tudo ao normal e não colhi nem café, nem camarão. Fui obrigado a parar com o camarão e deixar a água para irrigar as lavouras, não vi outra solução; minha água secou”, conta Brunoro, que produzia, em média, 1.800 kg de camarão por ano em oito tanques em uma área de quase 1 hectare da propriedade.

Jair diz que “o camarão é uma atividade secundária. A primeira é o café e a preferência da água é para esta cultura. A maioria dos produtores optaram por deixar a água para o café”.



O produtor rural Agostinho Brunoro passou a utilizar os tanques para captar água para irrigar as lavouras de café

Outro pioneiro na produção de camarão Roque Jonas Gava, da comunidade Rio Bonito, Sítio Bom Jesus da Lapa, está na lista dos produtores que conseguiram

“FIQUEI TENTANDO O CAMARÃO, APOSTANDO QUE IA CHOVER E VOLTAR TUDO AO NORMAL E NÃO COLHI NEM CAFÉ, NEM CAMARÃO. FUI OBRIGADO A PARAR COM O CAMARÃO E DEIXAR A ÁGUA PARA IRRIGAR AS LAVOURAS” (JOSÉ AGOSTINHO BRUNORO)

manter as atividades, apesar dos prejuízos. Porém, até hoje não conseguiu retomar 100% da produção. Parte dos 11 tanques instalados em uma área de 1,3 ha ainda estão vazios, e a produção que chegava a 2.500 kg/ano, não passa de 1.200.

“Na época da seca tivemos muitos prejuízos, a produção caiu muito,

só consegui mesmo administrar para manter o compromisso de entrega de camarão de alguns clientes. Alguns tanques secaram tanto que deram rachaduras de até cinco centímetros”, explica Gava. O produtor planeja reforçar os tanques e colocar todos em funcionamento até o final deste ano.



O produtor Roque Gava manteve as atividades, apesar dos prejuízos na estiagem prolongada

ANO DE 2019 SINALIZOU RETOMADA

A cadeia produtiva de camarões de água doce do Espírito Santo se consolidou com a produção do Camarão da Malásia. O professor de Aquicultura e Ecologia do Ifes Campus Alegre, Bruno Preto, explica que, além da crise hídrica de 2014, problemas como o término do convênio entre a Cooperativa dos Aquicultores do Espírito Santo (Ceaq) e a antiga Escola Agrotécnica Federal de Cotatina, em 2007, para produção de pós-larvas, contribuíram para a queda na produção estadual.

De acordo com dados do IBGE-PPM de 2014 a 2018, a produção capixaba de camarões de água doce, que era de pouco mais de 67 toneladas em 2014, passou para cerca de 15 toneladas em 2018. O professor explica que realmente houve uma redução neste período, no entanto, não há uma coleta de dados que considere efetivamente todos os produtores de camarões, reportando de fato o cenário capixaba.

“Por meio do contato junto a três laboratórios comerciais de produção de pós-larvas de camarões de água doce localizados no norte e centro do Estado, foi verificado que, no último ano, estes laboratórios comercializaram cerca de 2,8 milhões de pós-larvas junto a carcinicultores capixabas. Se considerarmos que a sobrevivência de camarões obtida pelos carcinicultores foi de 60% e que o peso médio dos crustáceos foi de 25 gramas, teríamos uma produção de 42 toneladas no último ano”, analisa Preto.



FUTURO DA ATIVIDADE É INCERTO

Parte dos oito tanques onde Agostinho criava camarão agora armazenam água para irrigar as lavouras de café. Segundo ele, a única saída seria tentar fazer poço artesiano e bombear água, mas é um investimento alto para correr o risco. Jair explica que a situação é a mesma de vários outros produtores do município, uma vez que a água em muitas propriedades ainda não voltou ao normal.

“Na situação dele é muito difícil retomar a produção. Foram feitas muitas represas na região e a água diminuiu muito. A água não voltou ao normal ainda, agora que começa a voltar, o que ainda deixa o pessoal apreensivo: vai ou não vai ter água? Ninguém tem certeza dessa resposta”, salienta o técnico do Incaper, Jair Antônio Toso.

Se por um lado as condições climáticas não garantem o retorno da atividade, por outro, o setor público busca a passos lentos viabilizar meios para a retomada da produção através de um sistema de recirculação de água. O objetivo é gerar mais economia do recurso natural durante o processo de criação e higienização do camarão.

Segundo o gerente de Pesca, Aquicultura e Produção Animal da Seag, José Alejandro García Prado, o projeto vai testar a criação de 100, 200 e até 300 pós-larvas por metro cúbico, quantidade superior em comparação com o sistema extensivo tradicional. Alejandro explica em detalhes o projeto:

“O experimento prevê a introdução das pós-larvas nos períodos de

seca nos tanques de recirculação durante três meses. Após esse tempo, com a retomada das chuvas, os camarões já na fase juvenil serão levados para os tanques normais até o abate. O objetivo é que esses indivíduos cheguem à fase juvenil para serem transferidos para um viveiro normal, uma maneira de otimizar o tempo e o espaço. Esperamos que este estudo forneça uma nova luz à atividade”.

Em fase de implantação, mas já com atraso, devido à demora na aquisição dos equipamentos, prevista para começar em março, o projeto é realizado em parceria com o Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) Campus Itapina e Incaper, custeado pela Seag, e terá gestão do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). O custo total do experimento é de cerca de R\$ 80 mil.

Já o laboratório, segundo informou o secretário Municipal de Agricultura de Governador Lindenberg, Jorielsen Alencastro Morello, não tem previsão para voltar a funcionar. O secretário disse ainda que chegou a ser feito um orçamento para reforma e adaptações na construção, mas o trabalho não teve continuidade.

ECONOMIA DE ÁGUA EM SISTEMA DE BIOFLOCOS

A tecnologia de criação de camarão-marinho chegou ao Espírito Santo em 2017 e foi desenvolvida em centros de pesquisa de Israel, Polinésia Francesa e Estados Unidos. Tratam-se dos sistemas de bioflocos (biofloc technology –BFT), trazidos ao Brasil em 2005 pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg) e aprimorado às condições climáticas locais.

A produção de camarão-marinho em bioflocos é um sistema de baixa renovação de água, pois trata-se de alta tecnologia na produção em aquicultura super-intensiva. Permite uma economia de água de até 200 vezes e de área de até 30 vezes em relação aos cultivos tradicionais e comparados aos tradicionais praticados no nordeste brasileiro. Ou seja, é possível produzir camarão-marinho próximo aos mercados consumidores, até em regiões do interior, como, por exemplo, Cachoeiro de Itapemirim.

O sistema demanda de alta tecnologia, contratação de técnicos de nível superior especializados e treinamento de funcionários.

rios. O investimento inicial é alto, porém o período de retorno de capital, em média, é de três anos.

O Ifes Campus Piúma detém um laboratório especializado em pesquisa aplicada e extensão em sistemas de produção de camarão-marinho em bioflocos, o Lacar, à disposição da comunidade capixaba interessada na tecnologia.

O gerente de Pesca, Aquicultura e Produção Animal da Seag, José Alejandro Prado, afirma que o Estado está

em fase de expansão para o cultivo do crustáceo. “O Espírito Santo já possui produtores e estamos em processo de fomento da atividade. Ainda precisamos avançar muito, pois o licenciamento ambiental não está preparado para a atividade, que é sustentável e feita em sistemas de recirculação fechados, onde não há lançamento do efluente no ambiente, nem uso de áreas protegidas, mas esperamos incorporar a carcinicultura marinha em breve no processo”.

GRUPO QUER FORMAR ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE CARNICULTURA

Em meados de 2000, o Espírito Santo teve sua primeira tentativa de produção de camarão-cinza no norte do Estado, com o conhecido “Condomínio do Camarão”, onde se dava a oportunidade de investidores adquirirem 1 ha de lâmina d’água e participação nos lucros da propriedade.

Esses sistemas demandam grandes áreas e dependem de água para a produção. Em 2017, a primeira fazenda de carcinicultura marinha foi inaugurada em Piúma, porém, por alguns problemas técnico-financeiros, encontra-se com as atividades paralisadas. No ano passado, uma grande fazenda de camarão-marinho foi licenciada e as atividades se iniciaram na cidade de Fundão. Desde então, encontra-se em pleno funcionamento e com a comercialização do camarão-cinza em cativeiro.

O professor e coordenador do Laboratório de Carcinicultura (Lacar) do Ifes Campus Piúma, Alexandre Santos, cita que atualmente um grupo de trabalho de entidades públicas e alguns produtores estão se reunindo na tentativa da formação de uma associação capixaba de carcinicultura. “Estão na atividade 30 carcinicultores de água doce, oito de água salgada e três fazendas em planejamento de construção”, afirma Santos.

■ GABRIEL GARCIA/DIVULGAÇÃO



INICIANTE APOSTA NA ATIVIDADE PARA DIVERSIFICAR

Entre os produtores de camarão de Governador Lindenberg, encontramos o iniciante Telmo Bayer com apenas dez meses de experiência. Morador do Córrego Bonito, o produtor rural resolveu apostar no cultivo da espécie pensando em diversificar a produção e de olho no bom retorno financeiro.

“Resolvi investir para ter uma diversificação na propriedade e também por acreditar que o retorno será positivo. Estou satisfeito com o resultado até agora e espero melhorar ainda mais com o aprendizado que vou adquirir com o passar do tempo”, diz Bayer.

Se o iniciante tem alguma dúvida quanto aos resultados com o cultivo do crustáceo, os veteranos José Agostinho Brunoro e Roque Jonas Gava têm experiência de sobra e garantem: é um ótimo negócio. “Era mais uma atividade para gerar renda na propriedade. É uma produção muito rentável, ganhei dinheiro com camarão”, garante Brunoro.

Já Roque diz que a demanda por camarão é boa. Se correr tudo bem com a produção, os lucros chegam a 70%. “É bastante van-



[o] ROSIMERI RONQUETTI/SAFRA ES

Telmo Bayer resolveu apostar na criação de camarão para diversificar a produção e de olho no bom retorno financeiro

tajosa, compensa investir. Por isso segurei, esperei a água retornar e não desanimei”, salienta Gava.

Inicialmente, Telmo Bayer investiu cerca de R\$ 90 mil na implantação de sete tanques, mas a meta é chegar a dez e atingir uma produção de cerca de 1.200 kg/ano.

Diferente dos demais produtores que tem no camarão uma segunda renda, o engenheiro agrônomo João Guilherme Schramm tem o crustáceo como principal atividade. Ele deu continuidade aos trabalhos do pai, Frederico Schramm, um dos maiores produtores

do município, e assumiu o negócio quando o período de seca já estava terminando.

São 27 tanques, que ocupam uma área total de cerca de 5,5 hectares, distribuídos em duas propriedades no distrito de Novo Brasil, com média de 500 a 800 kg/mês. João Guilherme explica que essa é uma cultura que demanda muitos cuidados, porém, tem uma margem de lucro superior às outras atividades. Para fugir do custo alto com a aquisição de pós-larvas, ele montou um laboratório próprio no sítio.

“É um bom negócio, dá uma margem de lucro bem melhor que todas as outras atividades. Necessita de uma dedicação muito grande, mas financeiramente vale muito a pena; a margem de lucro compensa”, relata o agrônomo.

Toda a produção de camarão de Governador Lindenberg é comercializada no próprio município e região, além de Colatina e Grande Vitória.



Confira no
nossa site
através do
QR CODE

Saiba como criar
camarão de água doce
(Camarão da Malásia)



Saiba como criar
camarão-marinho



**DOENÇA COMUM
EM CAFÉ E CITROS
É DETECTADA EM
OLIVEIRAS NO ES
E REQUER ATENÇÃO
DOS PRODUTORES
AOS SINTOMAS
E MANEJO
ADEQUADO**

OLIVICULTURA

Alerta no olival



LEANDRO FIDELIS _ safraes@gmail.com

Uma das variedades da bactéria *Xylella fastidiosa*, conhecida por causar doenças na citricultura, foi detectada em amostras de oliveiras cultivadas na região serrana do Espírito Santo. Os testes foram realizados nos laboratórios do Centro Avançado de Pesquisa de Citros Sylvio Moreira, ligado ao Instituto Agronômico de Campinas (IAC).

O Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) vem acompanhando o caso e afirma não registrar novos casos desde novembro de 2019. Porém, os produtores devem ficar atentos ao problema para evitar prejuízos porque a patologia não tem cura. Em setembro, o Incaper vai lançar uma cartilha com orientações aos olivicultores.

A *Xylella fastidiosa* possui mais de 400 plantas hospedeiras, como citros, café, ameixa e oliveira e tem a cigarrinha como vetor. Os primeiros casos em oliveiras no Brasil foram registrados em 2015, na Serra da Mantiqueira, entre os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

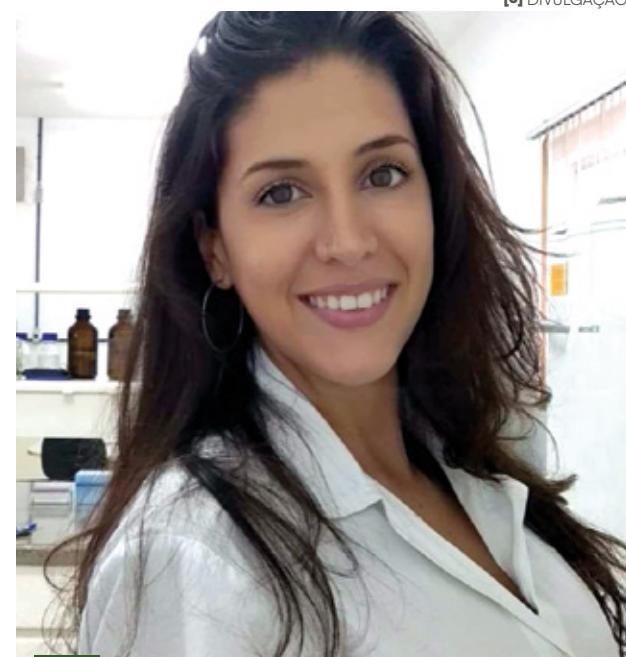
Os galhos secos e com folhas amareladas são os principais sinais da doença denominada “Síndrome do Declínio Rápido da Oliveira”. Em estágio mais avançado, as folhas caem e os ramos morrem.

“A bactéria entope os vasos e não permite passagem de água para a planta. Uma das diferenças da antracnose é que as folhas não caem logo no início da infecção”, explica a biotecnologista e mestre em Produção Vegetal Nágela Safady, autora de um estudo sobre a *X. fastidiosa*.

Apesar da proximidade com as plantações de café, os pesquisadores não podem

afirmar se a bactéria migrou para os olivais ou se as mudas adquiridas pelos produtores, provenientes de Minas, estavam contaminadas. Como muitos olivicultores também são cafeicultores, a falta de informação os leva a achar que os sintomas da “Síndrome do Declínio Rápido da Oliveira” são os mesmos verificados no café, a exemplo do déficit hídrico ou nutricional.

Mesmo sem consenso sobre a origem da contaminação, os especialistas ouvidos pela reportagem concordam que, ao contrário da Itália, que decretou Estado de Emergência após a contaminação de mais de 1 milhão de árvores, muitas delas centenárias, entre 2008 e 2013, o efeito da doença é mais brando no Brasil e o manejo correto pode garantir a sustentabilidade dos negócios. “É possível conviver com o problema e ter produção de azeitona. Para



— A biotecnologista e mestre em Produção Vegetal Nágela Safady é autora do Instagram “Descascando a Ciência”, onde compartilha os resultados da pesquisa e desmistifica curiosidades sobre plantas e microrganismos

isso é importante realizar o manejo correto para não permitir a evolução da doença”, acrescenta Nágela. (*Saiba mais abaixo).

[o] REPRODUÇÃO DISSERTAÇÃO NÁGELA SAFADY



— Amarelamento das folhas (clarose)



— Estado mais avançado da doença pode levar a morte da árvore

“A BACTÉRIA ENTOPE OS VASOS E NÃO PERMITE PASSAGEM DE ÁGUA PARA A PLANTA. UMA DAS DIFERENÇAS DA ANTRACNOSE É QUE AS FOLHAS NÃO CAEM LOGO NO INÍCIO DA INFECÇÃO”
(NÁGELA SAFADY- MESTRE EM PRODUÇÃO VEGETAL)

VIVEIRO SUSPENDE ATIVIDADES EM MG

De acordo com o pesquisador e coordenador do Programa Estadual de Pesquisa em Olivicultura da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Luiz Fernando de Oliveira, desde a suspeita da presença do patógeno nas oliveiras, o órgão procurou o Centro de Citricultura da APTA, em Cordeirópolis (SP), referência em pesquisas com citros, cultura com prejuízos causados pela *Xylella fastidiosa*.

Luiz Fernando relata que, desde a confirmação da bactéria nas oliveiras e a possibilidade da transmissão por mudas, a Epamig

suspendeu as atividades do viveiro e iniciou processo de migração do sistema de produção de mudas do tradicional para o de produção sob telados antiafídicos, ou seja, um sistema protegido.

“Paralelamente a isso, começamos estudos em parcerias com o Centro de Citricultura e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq -

USP), tanto da bactéria e seu comportamento nas oliveiras, como também sobre como ocorre a transmissão de planta a planta, identificando espécies de cigarrinhas potencialmente transmissoras. Também foram realizadas ações com reuniões técnicas e palestras para discutir o assunto com os produtores”, ressalta o pesquisador.

Luiz Fernando: Epamig iniciou processo de migração do sistema de produção de mudas do tradicional para o de produção sob telados antiafídicos.

■ ERASMO REIS EPAMIG



ORIGEM INCERTA DA PATOLOGIA NO ESTADO

O Espírito Santo conta com 200 hectares plantados com oliveiras e se aproxima da primeira colheita expressiva de azeitonas, prevista para fevereiro e março de 2021. A expectativa de safra é de 10,5 toneladas, grande parte em Santa Teresa, onde os primeiros plantios datam de 2015. Segundo a Associação dos Olivicultores (Olives), o Estado tem 110 produtores ativos, sendo 18 dentre os pioneiros que devem colher em breve.

Embora muitos agricultores tenham ingressado na olivicultura em 2015, as primeiras mudas plantadas em solo capixaba datam da década de 1950, afirma o doutor em Fitopatologia do Incaper, José Aires Ventura. “Temos isto arquivado, não sei ao certo, mas acredito que foram trazidas do Rio Grande do Sul e de Portugal pelos agrônomos Mendes da Fonseca e Júlio Pinho”.

Para Ventura, esse fato histórico embaraça ainda mais identificar a origem da doença em oliveiras no Espírito Santo. “Não há como garantir. A bactéria pode ter vindo na muda ou já estar aqui há muito tempo. A *Xylella fastidiosa* é comum no Espírito Santo em café e citros desde as décadas de 1970 e 1980, mas está sob controle”, conclui.

O gerente de Defesa Sanitária e Inspeção Vegetal do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf), Daniel Pombo de Abreu, confirma a presença no país da variedade da bactéria mais comum, causadora de doenças em citros. No entanto, informa que nenhuma das variedades da *Xylella fastidiosa* está na lista de pragas quarentenárias do Ministério da Agricultura (Mapa).

“Não fazemos análise periódica e não temos até o momento registro da



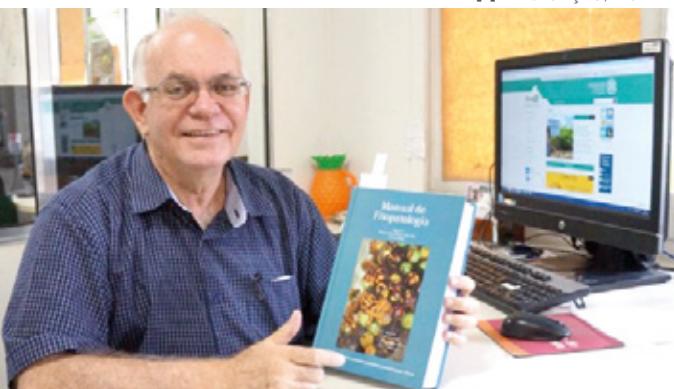
Pombo (Idaf): “É obrigação do laboratório que faz análise e obtém resultado positivo informar as autoridades competentes”

presença de algum caso no Espírito Santo, seja no citros ou em oliveira. É obrigação do laboratório que faz análise e obtém resultado positivo informar as autoridades competentes”, disse.

Para Pombo, as preocupações com relação ao patógeno devem ser as mesmas para quaisquer culturas ou doenças. “É preciso investir muito em prevenção, com uso de sementes e mudas certificadas, de produtores registrados junto ao Mapa, e fazer a comercialização com documentação correta, que é o Certificado Fitossanitário de Origem (CFO), que garante a sanidade dos vegetais, juntamente com a Permissão de Trânsito Vegetal (PTV)”.

O doutor em Fitopatologia do Incaper, José Aires Ventura, endossa o coro. “O produtor não pode comprar muda de fundo de quintal. Este é o primeiro cuidado, a origem das mudas. O segundo é ter área adequada para cultivar oliveira, com espaçamento e cuidado com as plantas, que são exigentes. Azeitona é uma fruta, não é como o eucalipto, que requer poucos cuidados. Diante disso, não vejo grande ameaça. Dá para conviver com a *Xylella fastidiosa*”.

DIVULGAÇÃO/INCAPER



José Aires Ventura (Incaper): “O produtor não pode comprar muda de fundo de quintal”

PREOCUPAÇÃO E CUIDADOS

O olivicultor e engenheiro agrônomo Fernando Madalon, de Alto Caldeirão (Santa Teresinha), percebeu a morte descendente do tronco das plantas mais velhas da propriedade. Os pés não respondiam à adubação e à irrigação.

Por conta própria, o produtor coletou material para análise molecular no Instituto Agronômico de Campinas (IAC). De um total de três amostras, uma testou positivo para a *Xylella fastidiosa*. Ele e o pai investiram cerca de R\$ 20 mil no cultivo e ficaram preocupados com a propagação da doença.

“Muitos produtores acostumados com café veem deficiências comuns a esta cultura e acham que com oliveiras é a mesma coisa, dão dobram volume de insumos ou acabam gastando mais no tratamento sem saber com clareza que patologia acomete a lavoura”, diz Madalon.

Após a constatação do patógeno na área, os produtores adotaram algumas medidas. As plantas com menos de quatro anos de idade doentes foram eliminadas num processo conhecido como “roguing” e posteriormente incineradas.

Outra medida, segundo Fernando, foi o controle do inseto vetor com a utilização de inseticidas microbiológicos. Os Madalon também realizam a



O olivicultor e engenheiro agrônomo Fernando Madalon

poda dos ramos infestados, com posterior incineração, nutrição balanceada da planta com base em análise de solo, descartaram qualquer tipo de consórcio com plantas que podem ser hospedeiras, além de aplicarem manejo de plantas daninhas e utilizarem

quebra-ventos para minimizar a dispersão da cigarrinha na área.

“Adotando essas medidas e convivendo com o patógeno na área, a gente vai conseguir manter uma boa produtividade e continuar com o intuito de produzir o azeite”, conclui o produtor e agrônomo.

PODA E ARMADILHA PARA CIGARRINHA NO CONTROLE DA BACTÉRIA

A poda dos ramos com sintomas, armadilhas para cigarrinhas e tratamento com cobre são as medidas recomendadas pelos especialistas para controle da “Síndrome do Declínio Rápido da Oliveira”.

O pesquisador e coordenador do Programa Estadual de Pesquisa em Olivicultura da Epamig, Luiz Fernando de Oliveira, destaca que, primeiramente, o produtor deve observar os sintomas da doença no olival. Uma vez constatado, deve proceder a coleta do material e encaminhá-lo ao laboratório para diagnóstico.

Paralelamente a isso, o olivicultor deve eliminar a parte possivelmente infectada, ou seja, eliminar o ramo seco a aproximadamente um palmo abaixo, ainda com ramos e folhas verdes. “Esse material deve ser retirado do olival e queimado em local adequado”, recomenda o pesquisador.

Os instrumentos utilizados para a limpeza da oliveira,

como serrote e tesouras de poda, devem ser desinfetados com uma solução de hipoclorito de sódio antes de se realizar alguma intervenção em outra planta.

“Caso o resultado do laboratório ateste positivo, o produtor deve realizar a retirada total da planta contaminada em questão, seguindo as mesmas orientações descritas anteriormente.

A presença de cigarrinhas também deve ser observada no olival. Para controlar o inseto na plantação, a dica é espalhar armadilhas amarelas com cola e fazer o devido controle da população de insetos, caso seja possível".

O doutor em Fitopatologia do Incaper, José Aires Ventura, defende ainda o tratamento com cobre. "O caminho é não fazer aplicação e inseticidas, porque não resolve. É possível conviver sem problemas com a Xylella fastidiosa com bom manejo e nutrição das plantas, numa estratégia integrada".

De acordo com Ventura, desde o final do ano passado os técnicos da extensão do escritório local do Incaper de

Santa Teresa estão orientando os produtores. "Os produtores devem ficar de olho na lavoura e procurar os técnicos do Incaper a qualquer sinal da doença. Um pomar mal conduzido, com plantas com deficiência nutricional e possível presença da cigarrinha e da bactéria fecham o ciclo da doença", finaliza.

Luiz Fernando de Oliveira, da Epamig, avalia que a Xylella fastidiosa é uma bactéria com potencial para causar prejuízos ao produtor, mas destaca que existem maneiras de se mitigar o problema para a olivicultura capixaba avançar, assim como ocorreu com o citros.

"Os cuidados no manejo em campo, na produção

■ LEANDRO FIDELIS/ARQUIVO SAFRA ES



Nelmiro Broseghini é um dos produtores que apostaram na olivicultura capixaba

de mudas e outras medidas fitossanitárias de controle não vão causar tantos danos e prejuízos ao olivicultor. O produtor deve ficar atento aos sintomas, fazer a correta utilização dos equipamentos de poda e adquirir mudas de viveiros idôneos para garantir que, caso haja a doença em seu olival, ela não se propague".



Proteja sua **lavoura** com a **máxima eficiência**

A Biovalens possui excelência em soluções de biodefensivos para o controle de pragas e doenças de plantas, proporcionando o aumento da qualidade e produção de alimentos sustentáveis.



VITTIA
GRUPO

OLIVICULTURA

Agroindústria para produção de azeite só em 2022

A agroindústria para produção do primeiro azeite capixaba só vai operar a partir de janeiro de 2022, em Santa Teresa, na região serrana do Espírito Santo. Esta é a data prevista pela Secretaria de Estado da Agricultura (Seag), que apoia financeiramente o projeto, após reunião virtual dia 10 de agosto com representantes da prefeitura, do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assessoria Técnica e Extensão Rural (Incaper), da Associação dos Olivicultores (Olives) e do deputado estadual Dary Pagung.

O anúncio foi feito após a Seag rever o Plano de Negócios e o projeto arquitetônico iniciais do empreendimento. Agora, a equipe técnica da Secretaria vai definir o modelo de investimento para orçar a obra. O repasse será feito à Prefeitura de Santa Teresa, que cedeu o terreno para a construção da agroindústria em regime de comodato.

O subsecretário de Estado da Agricultura, Michel Tesch Simon, afirmou que o Governo do Estado dispõe de recursos, e a pandemia não atrasou os trâmites do repasse. “Não foi questão orçamentária. Temos de ter zelo grande porque lidamos com recurso público e a base de produção da azeitona ainda não está consolidada. Não se trata de cultura tradicional, ainda não tivemos a primeira safra como parâmetro para os próximos anos. Por mais que o Estado tenha capacidade de investimento, é preciso gerar rendimento aos produtores, e não custo, daí a necessidade de o projeto ser viável”, concluiu Michel.

“O objetivo é ter o projeto adequado às necessidades dos produtores e perfeitamente entendido e aprovado pelos órgãos do governo. Estamos confiantes e percebendo o compromisso do governo com o projeto da olivicultura no Espírito Santo. Estamos trabalhando agora na busca de soluções”, declarou o presidente da Olives, Marco Aurélio de Castro.

Segundo o presidente da associação, a equipe técnica adequou o projeto às reais estimativas de produção de azeitona no Estado. Dados do Incaper, revisados em julho, estimam a segunda safra (2021/2022) em 34,5 toneladas

[o] PIXABAY



da fruta, cultivada em 200 hectares de terra. “Estas são as prioridades da associação, o acompanhamento da obra e a gestão da agroindústria”, disse Marco Aurélio.

Com a definição do início do funcionamento da agroindústria, restou à Olives buscar outra alternativa para produzir o azeite e não perder a primeira safra expressiva de azeitonas, prevista para fevereiro e março de 2021. A estimativa é de 10,5 toneladas.

De acordo com Marco Aurélio de Castro, a associação estuda levar as azeitonas

para agroindústrias da Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, onde o azeite será envasado. A decisão sobre uma marca própria da Olives ou dos próprios produtores ainda está em aberto.

DESAFIO

A distância é de cerca de 700 km até uma das unidades prestadoras do serviço. “O maior problema é a logística. A azeitona precisa ser processada no mesmo dia em que foi colhida, se não se deteriora e o azeite perde qualidade”, diz o presidente.

“O OBJETIVO É TER O PROJETO ADEQUADO ÀS NECESSIDADES DOS PRODUTORES E PERFEITAMENTE ENTENDIDO E APROVADO PELOS ÓRGÃOS DO GOVERNO. ESTAMOS CONFIANTES” (MARCO AURÉLIO DE CASTRO- PRESIDENTE DA OLIVES)



Deixados à beira do caminho. Sem aulas, cooperativas de transporte escolar rural capixabas deixaram de receber mais de R\$ 8 milhões nos quatro primeiros meses da pandemia. Confira na reportagem especial de Leandro Fidelis



ACESSE PELO
QR CODE NO
SEU CELULAR
OU PELO LINK:
[BIT.LY/32IPM2A](http://bit.ly/32IPM2A)



Família de São Gabriel da Palha instala agroindústria e transforma em chocolate artesanal amêndoas de cacau colhidas na propriedade. Saiba mais na reportagem de Rosimeri Ronquetti.



ACESSE PELO
QR CODE NO
SEU CELULAR
OU PELO LINK:
[BIT.LY/3BGYRYR](http://bit.ly/3BGYRYR)

O colunista **Enio Bergoli** expõe como o agro precisou se reinventar para atender às demandas crescentes por alimentos.



ACESSE PELO
QR CODE NO
SEU CELULAR
OU PELO LINK:
[BIT.LY/3JYOUZA](http://bit.ly/3JYOUZA)



STIHL

**COM VOCÊ PARA
FAZER O SEU MELHOR.**

**COMPRE UMA MS 250
E GANHE UM MISTURADOR
DE COMBUSTÍVEL*.**



J. AZEVEDO
MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA

REVENDA AUTORIZADA
STIHL®

TEL: (28) 3526 3600
CEL: (28) 99900 3600
estoque@jazevedoes.com.br
jair.estoquees@jazevedonet.com.br

Rua Agostinho Madureira, nº 02
Cachoeiro de Itapemirim-ES

Conexão Safra: o agro capixaba nas ondas sonoras

REDAÇÃO SAFRA ES safraes@gmail.com

A Safra ES está sempre conectada com você, leitor, e recentemente agregou mais um meio de comunicação para levar o melhor da informação do agronegócio capixaba. O “Conexão Safra”, podcast semanal da Safra ES, já está caminhando para o 12º episódio e tem muita coisa bacana em vista.

Até agora já falamos sobre o programa AlimentarES, o Anuário do Agronegócio Capixaba 2020 e como ele está sendo feito duran-

te a pandemia, sobre como o Senar-ES está driblando as dificuldades para atender os produtores rurais, as alternativas de enfrentamento da crise que estão surgindo, como por exemplo o portal Feira na Internet. Falamos ainda sobre o futuro com os defensivos biológicos, e por aí vai... Tudo muito bem debatido com profissionais

que entendem sobre o assunto e dão show de informações.

O “Conexão Safra” é apresentado pelo jornalista Wellington Anholetti. Natural de Iconha e neto de produtor rural, Wellington já foi premiado pela OCB/ES, Conselho Nacional do Café (CNC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).



[o] DIVULGAÇÃO

Podcast “Conexão Safra” -
*Episódios semanais
Apresentação: Wellington Anholetti
Trabalhos técnicos: Fernanda
Zandonadi e João Santos (Tropeço)
“Ouça todos os episódios na íntegra em:
<https://soundcloud.com/conexaosafra>



_Colaboradora Laísa Santolin comemora dez anos de Sistema Cresol

OPORTUNIDADE: CRESOL CRESCE EM NÚMERO DE COLABORADORES E EXPANDE SEU RELACIONAMENTO COM O COOPERADO

EM MEIO A PANDEMIA, SISTEMA CRESOL TEM MAIS DE 100 VAGAS ABERTAS

Com o crescimento do Sistema Cresol e sua expansão para 40 novos municípios até o final do ano, a contratação de novos profissionais continua avançando. Mesmo com o cenário da pandemia do novo Coronavírus, a Central Cresol Baser, que tem sua sede em Francisco Beltrão/PR e possui atualmente mais de 2 mil colaboradores, caminha na contramão e não deixa de abrir novas vagas e de contratar profissionais, desde estagiários a cargos de média e alta liderança em diversas áreas.

Durante o primeiro semestre deste ano, a Cresol admitiu mais de 320 novos colaboradores, entre eles profissionais que buscavam recolocação no mercado de trabalho e outros que estão no seu primeiro emprego, independente de idade e gênero.

Conforme o Superintendente da Central Cresol Baser, Adriano Michelon, a Cresol buscou alternativas para apoiar empresas que estavam sofrendo com a crise da pandemia e o esforço fez com que a cooperativa tivesse demanda para novas contratações. "Nos organizamos para atender as demandas dos nossos cooperados nesse período,

por isso continuamos com os processos seletivos que já estavam abertos e, além disso, tivemos demanda para abertura de novas vagas para a contratação de profissionais", disse Michelon.

Crescimento profissional

Ao entrar na Cresol o colaborador tem muitas oportunidades. Recentemente, foi realizada uma pesquisa interna que aponta que 60% dos mais de 2 mil colaboradores permanecem na Cresol pelas oportunidades de crescimento. Um exemplo prático é a colaboradora Laísa Santolin que iniciou na Cresol como estagiária e após um ano foi efetivada.

"Me candidatei para o estágio pois considerei ser uma grande oportunidade para o meu crescimento profissional trabalhar em uma instituição financeira. Todo o aprendi-

zado adquirido, somado ao meu desempenho, foram fatores que colaboraram para a contratação efetiva, e diante dessa experiência profissional surgiram novas oportunidades", comentou a colaboradora que comemora dez anos de Sistema Cresol.

CRESOL CONTRATA

O Sistema Cresol Baser está presente hoje em 11 estados brasileiros e, a cada dia, novas oportunidades surgem para quem tem interesse de fazer parte de um Sistema de cooperativas que cresce em torno de 25% ao ano. Recentemente, o Sistema também foi reconhecido pela GPTW como uma das maiores e melhores empresas para trabalhar no ramo Agro.

As vagas podem ser acompanhadas pelo site cresol.com.br, na aba trabalhe conosco, e também na página oficial da Cresol no LinkedIn.

MAIS VINHOS NO ES

Com o aumento da safra de uva 2019/2020 em 5%, o Espírito Santo vai produzir 300 mil litros de vinho, número superior se comparado aos anos anteriores. Enquanto na safra 2018/2019 foram colhidas 2.400 t de uva e produzidos 288 mil litros da bebida, 2020 vai fechar com 2.520 t, de acordo com o Incaper. Vale lembrar que o Estado é o maior consumidor de vinho do país, segundo estudo recente.

DÉCADA DE PARCERIA

A Prefeitura de Brejetuba comemora dez anos de parceria com o Incaper e cafeicultores do município em pesquisas para melhorar a eficiência produtiva da cafeicultura.

*Dois desses trabalhos são desenvolvidos a 1.100m de altitude, na propriedade de **Joselino Meneghetti**. Um avalia

dez cultivares de café diante da tolerância à ferrugem, produtividade, rendimento e produção de cafés especiais. Já o segundo experimento estuda a melhor forma de processamento para 16 cultivares, com o objetivo de indicar ao produtor a forma mais rentável de processamento do café conforme a cultivar.

AGRITECH CAMPEÃ

A empresa de tecnologia agrícola **Raiz Capixaba** conquistou o 1º lugar na categoria “Comunicação e Tecnologia” no Prêmio Juventude Rural da América Latina e Caribe, que identifica iniciativas inovadoras e sustentáveis na luta contra a pobreza.

*A agritech capixaba tem como objetivo realizar a previsibilidade de produção de frutas, verduras e legumes orgânicos por meio de Inteligência Artificial, de modo a valorizar e aumentar a renda das famílias de agricultores.



A agricultura voltou a ser a principal fonte de renda para muitos transportadores escolares durante a pandemia. É o caso do **Atilio Zibell**, o “Teco”, de Lagoa (Serra Pelada), zona rural de Afonso Cláudio e associado à Cooptac. Atilio conta com o

apoio da mulher e das duas filhas, e investiu no cultivo de beterraba, cenoura, inhame e temperos. Ele já começou a colher beterraba no Sítio “Gute Stelle” (bom lugar, em alemão), onde procura produzir da forma mais natural possível.

[o] DIVULGAÇÃO

COGUMELOS CLIMATIZADOS

O fungicultor **Alysson Uliana**, de Pedra Azul, que você conheceu na reportagem especial “Reino dos cogumelos nas montanhas” (edição nº30) vai investir na climatização de quatro dos oito galpões

onde produz champignon a partir do ano que vem. Segundo ele, os equipamentos vão permitir regular ar, umidade e gás carbônico em cada etapa da produção para garantir mais qualidade ao produto.

[o] LEANDRO FIDELIS / ARQUIVO SAFRA ES



[o] DIVULGAÇÃO

PIMENTA GLOBAL

Maior produtor e exportador de pimenta do reino do Brasil, o Espírito Santo abastece mais de 100 países nos cinco continentes com a especiaria. A Cooperativa dos Produtores Agropecuários da Bacia do Cricaré (Coopbac), que tem Erasmo Negris como diretor administrativo (foto) comemora a exportação de 29,5 mil toneladas do Estado no primeiro semestre. Alemanha, Estados Unidos, Marrocos, Vietnã, Egito e Emirados Árabes Unidos são os principais compradores.

FUNGO EM TOMATEIROS

Em junho, resultados da pesquisa sobre fungo em tomateiros do Espírito Santo realizada pelo fitopatologista e pesquisador do Incaper Hélcio Costa foram divulgados na conceituada revista internacional “Phytoparasitica”, que publica contribuições originais de pesquisa com ênfase em novas abordagens no controle de pragas e doenças. O estudo teve parceria com pesquisadores da Embrapa-Hortaliças.

*O fungo *F. oxysporum* f. sp. *radicis-lycopersici* f. sp. *radicis-lycopersici* foi descoberto em



tomateiros de Venda Nova do Imigrante, na região serrana. Segundo o pesquisador, em 2019 também foi constatada sua presença em Domingos Martins e Afonso Cláudio.

‘TESTE RÁPIDO’ EM TOMATE

Um grupo empresarial capixaba do setor de tomaticultura está trazendo para o Estado a tecnologia da análise de seiva. O teste que analisa todos os nutrientes da planta geralmente é feito em Minas Gerais e leva até 15 dias. Por aqui, o resultado sairá com no máximo dois dias e poderá ser acessado pelo produtor por meio de aplicativo, adiantou a empresária para a coluna.

Campanha ‘Valorize o Produtor Rural’ divulga histórias de capixabas



Almira Brioschi



Roni Bisi



Érika Gonçalves da Silva

REDAÇÃO SAFRA ES safraes@gmail.com

A Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (Faes), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado (Senar-ES) e os Sindicatos Rurais lançaram a campanha “Valorize o Produtor Rural”. O intuito é tornar as histórias e o trabalho de agricultores e pecuaristas capixabas mais conhecidos e valorizados.

“Nossos produtores têm um trabalho incansável, dia a dia, na produção de alimento para o mundo e precisamos dar visibilidade a isso. O agronegócio é a principal economia em 80% dos municípios do Espírito Santo”, revela o presidente da Faes, Julio Rocha.

As histórias dos produtores são publicadas no site: www.senar-es.org.br/ValorizeoProdutor e outras ações estão sendo realizadas pelo Sistema Faes/Senar-ES/Sindicatos Rurais, como: veiculação de comercial em rádios capixabas, anúncios em revistas, sites e outdoor.

Nos próximos meses, também serão realizadas ações presenciais para homenagear os produtores e conscientizar a população sobre a importância do agronegócio capixaba. Os eventos acontecem em parceria com a Secretaria de Estado de Agricultura (Seag), o Ministério da Agricultura (Mapa) e as prefeituras municipais. Confira o resumo de algumas histórias!

PROTAGONISMO FEMININO

Três décadas de dedicação ao agro marcam a trajetória

da produtora rural Almira Brioschi, de Jaguaré, norte do Estado. Após o falecimento do pai em 1987, ela, na época com 22 anos, e a irmã Inês Brioschi (17) assumiram a Fazenda Esperança.

Atualmente, a Fazenda conta com 80 mil pés de robusta, em uma área de 22 ha. O crescimento da safra proporcionou que outras culturas como pimenta-do-reino e eucalipto fossem introduzidas ao terreno.

Foi através do Sindicato Rural de Jaguaré que Almira conheceu a Faes e o Senar-ES. E, a partir daí, viu uma boa

oportunidade para aprimorar seus conhecimentos, participando de diversos treinamentos ofertados pelo Senar-ES.

MUDANÇA DE PERCEPÇÃO

O produtor de laranja de Jerônimo Monteiro, Márcio Cattem, comemora o aprendizado que teve ao ser atendido pela Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), do Senar-ES, em parceria com o Incaper e a Associação dos produtores rurais do município. Seu Sítio Açudinho é bem diversificado: além dos mil pés de laranja das variedades Pera Mel, Valencia e Folha-Murcha, produz café conilon e cria gado de corte.

Para aprimorar o cultivo da laranja, Márcio recebeu acompanhamento de um técnico da ATeG por dois anos. Ele revela que começou a enxergar sua propriedade como negócio após o atendimento. Os pés de laranja plantados rendem 300 mil frutos por ano e, estes, junto ao café colhido, são comercializados no próprio município e em regiões vizinhas.

TROCOU O MAGISTÉRIO PELA ROÇA

A professora Letícia Dalmazo Melotti trocou a sala de aula pela propriedade rural da família em São Domingos do Norte em 2015. Está investindo em café conilon de qualidade e se tornou uma microempreendedora rural, como ela mesma se identifica. Seu interesse pela agricultura nasceu depois de participar da Semana Internacional do Café (SIC) em 2018, com a caravana do Senar-ES.

Com o auxílio da ATeG aprendeu a trabalhar melhor com o café, conhecendo técnicas de manejo da produção e entendendo a importância da gestão para o controle de gastos e receitas da propriedade.



Letícia Dalmazo Melotti

Letícia na lida com o café



SUporte PARA CAFEICULTOR DE JAGUARÉ

Há décadas os sindicatos atuam como porta voz de comunidades rurais. O papel não se resume apenas na defesa de classes e engloba, principalmente, a prestação de serviços ao homem do campo. Em Jaguaré não é diferente e, assim como outros produtores, Roni Bisi recebe suporte da entidade.

Ele também é técnico agrícola e aplica no Sítio R Bisi o aprendizado que herdou do avô e do pai no cultivo de conilon, pimenta-do-reino e mudas que prepara para vender. Roni já fez treinamento de Administração Rural e seus funcionários, o de Defensivos Agrícolas e Tratorista. “Eu sei que para termos uma categoria forte, quanto mais produtor dentro do sindicato melhor. Pois a união é que gera a força”, diz o produtor.

DE TURISMÓLOGA A PRODUTORA RURAL E ARTESÃ

Os bons resultados com o café de qualidade no Espírito Santo atraíram Érika Gonçalves da Silva e sua família para o Estado. Eles deixaram o Rio de Janeiro há dois anos para morar em Dores do Rio Preto e assumiram a produção de café arábica de uma

propriedade da família. Érika também é formada em turismo e artesã, produzindo peças de artesanato a partir das sacarias.

A produção de café já rendeu prêmio no concurso da Emater e a família já comercializa o Café Mahê pela internet. Érika vislumbra ampliar o leque de culturas da propriedade nos próximos anos. E foi através dos treinamentos do Senar-ES, intermediados pelo Sindicato Rural de Guacuí, que buscou novos aprendizados para também investir no turismo em sua propriedade.

**Conheça a história de outros produtores rurais no Espírito Santo em: www.senar-es.org.br/ValorizeoProdutor ou no nosso site www.safraes.com.br*

Márcio Cattem



ORGÂNICOS

Café orgânico com ajuda dos ovinos

SÍTIO EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM COM MAIORES REBANHO E VOLUME DE CONILON ORGÂNICO DO ESPÍRITO SANTO SERÁ A SEGUNDA PROPRIEDADE DO ESTADO CERTIFICADA PELA AGRICULTURA BIODINÂMICA



LEANDRO FIDELIS _ safraes@gmail.com

A cena se repete diariamente na antiga Fazenda Barra do Mutum, em Pacotuba, distrito de Cachoeiro de Itapemirim, no sul capixaba. Pela manhã, os irmãos Sebastião (49) e Roque Giori (56) abrem a porteira do galpão para o rebanho com 1.050 ovinos pastar nas lavouras de café conilon. Os animais sobem com rapidez os morros, limpam o solo e o enriquecem com o próprio esterco. A rotina faz parte do processo de desintoxicação das plantas, que há cinco anos não recebem mais adubo químico. E os animais se mostram perfeitamente integrados ao sistema.

O Sítio Irmãos Giori aplica uma estratégia de produção que integra diferentes sistemas produtivos (agrícolas, pecuários e florestais) dentro de uma mesma área, de modo a garantir benefício mútuo para todas as atividades. É a Integração-lavoura-pecuária-floresta (ILPF), também chamada de sistema silvipastoril.

A floresta é a modalidade que falta para o sistema se autossustentar e a propriedade se tornar a segunda do Estado certificada pela produção biodinâmica. Os agricultores estudam introduzir palmito, abacate ou ingá ainda este ano, priorizando uma espécie sem competitividade com as lavouras de conilon. A produção silvestre será somente para arborização da área e não terá fim comercial.

A ideia de reunir lavoura, pecuária e floresta surgiu para reduzir os custos com o café, conta Sebastião. Desde o início do projeto, os irmãos optaram por um animal de pequeno porte e de manejo mais prático. Parti-

ram de dez cabeças de ovinos, aumentaram para 70 até atingirem um plantel com 300 animais para corte. “O impacto das ovelhas e carneiros no cafezal foi positivo logo no primeiro lote. Daí aumentamos o rebanho e a mão de obra”, diz o agricultor.

O único problema no início da experiência era a conjuntivite, doença bastante comum nesta espécie de ruminante, principalmente no inverno. Para buscar informações, Sebastião Giori viajou para Sobral (CE), sede da Embrapa Caprinos e Ovinos, onde conheceu os três medicamentos essenciais para o tratamento e aprendeu uma dica muito válida para os humanos nos tempos atuais: evitar aglomeração. “Hoje, temos quase o quádruplo de animais e a conjuntivite está sob controle”.

CARNE

Os Giori são considerados os maiores criadores de ovinos do Espírito Santo. No plantel predomina maioria mestiça,

OS IRMÃOS GIORI APLICAM UMA ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO QUE INTEGRA DIFERENTES SISTEMAS PRODUTIVOS (AGRÍCOLAS, PECUÁRIOS E FLORESTAIS) DENTRO DE UMA MESMA ÁREA, DE MODO A GARANTIR BENEFÍCIO MÚTUO PARA TODAS AS ATIVIDADES



de meio sangue Santa Inês, sendo divididos em borregos (filhotes com até um ano de idade), matrizes e POs (reprodutores). Um total de 350 fêmeas está prestes a parir e 250 cabeças estão na monta. A taxa de prenhez é de 85%.

A carne é vendida para frigoríficos do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto o projeto de um pequeno abatedouro não sai do papel. De acordo com

Roque, os abates ocorrem em borregos com no máximo 120 dias. A monta e a mama programada garantem desenvolvimento rápido. “A carne de ovelha é nobre, macia, suculenta e de digestão rápida. O mercado é crescente no Brasil, que ainda importa

70% do Uruguai e do Chile”, diz o agropecuarista.

Para Sebastião, ainda existe muito gargalo na comercialização da carne por conta do preço. “O consumo está muito concentrado nos grandes centros e o Espírito Santo ainda consome pouco.

PRIMEIRA SAFRA DE CAFÉ ORGÂNICO EM 2019

O Sítio Irmãos Giori conquistou, em 2019, o selo de qualidade nacional e internacional “Chão Vivo”, concedido a agricultores que seguem os princípios da produção orgânica. O ano marcou a primeira safra certificada de conilon orgânico para os irmãos, considerados os maiores produtores com aptidão nesta espécie do Estado.

A propriedade de 75 hectares está situada a 135m de altitude e foi adquirida pela família em 1997. A área fica ao lado da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Cafundó. O corredor ecológico é um bom vizinho para os agricultores orgânicos, pois além de cercar o terreno, é garantia do não uso de agrotóxico no entorno.

Os irmãos contam que começaram as atividades do zero no sítio, hoje com 50 ha dedicados à cafeicultura. As lavouras mais velhas têm 40 anos de idade, enquanto as mais novas, cerca de três. Ao todo são 114 mil pés de café. Todos os anos o campo cafeiro é reformado com 10.000 pés.

“Desde 2008 procuramos fazer orgânicos, mas sempre esbarrávamos na estrutura de conhecimento. Os órgãos estaduais não tinham o dever

de casa, não davam informação correta. Hoje temos compostagem rica, que é um composto de ovinos. Se a agricultura orgânica não tiver um composto rico, não se consegue produzir, não fica sustentável”, destaca Sebastião Giori.

“A saúde é outra, o trabalho diminuiu sem utilização de veneno e até a qualidade do café aumentou”, completa Roque.

O objetivo do investimento em orgânicos é garantir um produto limpo para o consumidor, diz Sebastião. O solo só ganha neste tipo de agricultura, pois a cobertura orgânica mantém a temperatura no cafezal e garante nutrientes às plantas.

“O cara não trabalha com orgânico porque não conhece a sua planta e o seu solo. Neste tipo de agricultura, vai saber que não precisa intoxicar o solo com veneno para produzir. O solo mesmo vai te dar os nutrientes necessários. Basta saber conduzir. Se não tivesse ovinos, eu teria que arrumar o composto fora. É repreender a produzir”.

_O pastejo dura até o fim do dia, com cada ovelha defecando em média 400g/dia



PRODUTIVIDADE E QUALIDADE

Antes de “desintoxicar” as lavouras de conilon- o manejo orgânico leva em média 36 meses- a safra era de 3.000 sacas, média de 80 sacas/ha. De acordo com Sebastião, após dois anos nessa nova modalidade, sem utilizar agrotóxico, a produção inicial foi de 15 sacas/ha e, este ano, a média deve ficar em 40 sacas/ha. O auge é esperado para 2023, quando a colheita ficará em torno de 60 a 70 sacas/ha.

E os compradores internacionais já sinalizaram interesse na safra de 2020 por conta da qualidade que aumenta ano após ano,

garante Roque. “Este ano eles querem mais porque a qualidade aumentou e teremos valor agregado razoável. Inglaterra e Alemanha fecharam negócios e os coreanos estão querendo fazer o mesmo”.

Os irmãos estão montando um despolpador e demarcando os talhões para conferir qual dá mais qualidade. Tem mercado até para a casca do café dos Giori. A dupla iniciou testes este ano para viabilizar o consumo da casca na forma de chá e enviou amostras para a Suíça por meio de um comprador.



Sebastião Giori em uma das lavouras de conilon do sítio. Segundo o agricultor, moradores da comunidade quilombola de Monte Alegre, a poucos metros do sítio, oferecem disponibilidade de mão de obra o ano todo, não somente em época de safra. No entanto, para a colheita deste ano, os irmãos Giori reduziram as contratações em 50% para evitar aglomeração durante a pandemia da Covid-19.

AGRICULTURA BIODINÂMICA

Os irmãos Giori querem ir mais longe na produção orgânica. A previsão é de que dentro de oito a dez anos, a propriedade em Pacotuba esteja produzindo integralmente a partir dos princípios da agricultura biodinâmica. Trata-se de uma forma alternativa muito semelhante à orgânica, mas que inclui vários conceitos esotéricos desenvolvidos a partir das ideias de Rudolf Steiner na década de 1920.

Desde o início do ano, os agricultores recebem consultoria do Instituto Biodinâmico (IBD) para obtenção do mesmo certificado obtido pela Fazenda Camocim, de Aracê (Domingos Martins), a pioneira em terras capixabas no conceito com bases neste tipo de agricultura milenar.

“Estamos aprendendo cada dia mais, pois acreditamos no equilíbrio entre a lavoura, os animais e a floresta”, diz Sebastião. Uma

das medidas é seguir o calendário lunar para produzir os “preparados” (compostos) mineral (que fica 60 meses enterrado) e orgânico (60 dias) para o solo. “Na biodinâmica não é quantidade, é a informação que você joga que vai valer a pena”.



Confira a matéria multimídia no nosso site através do QR CODE





Banana da terra com alta produtividade

**PESQUISA INÉDITA MOSTRA QUE UTILIZAÇÃO DO DEJETO LÍQUIDO DOS CHIQUEIROS
NA ADUBAÇÃO AUMENTA PRODUTIVIDADE COM BAIXO CUSTO PARA PRODUTOR**

LEANDRO FIDELIS _ safraes@gmail.com

Produtividade com baixo custo de produção e sustentabilidade. Que agricultor familiar capixaba em tempos atuais não gostaria de reunir esses fatores para alavancar os negócios no campo?

A boa notícia: isso já é possível para quem cultiva banana da terra. Uma pesquisa que titulou a doutora em Produção



Foto mostra comparativo do tamanho da fruta conforme os diferentes tratamentos durante a realização do estudo

Vegetal Marjorie Spadeto, pelo Programa de Pós-graduação em Produção Vegetal do Centro de Ciências Agrárias e Engenharias da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), comprovou o aumento da produtividade da bananeira da terra com o uso do efluente da suinocultura. A tese da engenheira agrônoma e pesquisadora foi defendida em junho e será publicada em breve numa revista científica.

Segundo Marjorie, dentre os diversos fatores que influenciam na produção da bananeira, a nutrição é decisiva para obtenção de



Comparação entre banana do experimento (acima) com uma comprada em supermercado. A fruta do experimento chegou a pesar 300g

alta produtividade, uma vez que as plantas apresentam crescimento rápido e acumulam quantidades elevadas de nutrientes, a exemplo do nitrogênio e do potássio, este último importante para o incremento da biomassa.

A média de produtividade da banana da terra chegou a 62 toneladas por hectare, superior à relatada em pesquisas na área. Além disso, o peso do cacho aumentou em torno de 64% comparando a menor dose de potássio no efluente (200 kg) com a maior dose (600 kg), aplicada 15 vezes por hectare/ano.

“A aplicação do potássio influencia positivamente no número de frutos por cacho e no peso da penca e, por consequência, na produtividade. Na menor dose do efluente de suinocultura, atingimos uma produtividade média superior a encontradas em pesquisas e relatadas em literatura sobre banana da terra”, afirma a doutora.

O diferencial dos resultados consolidados pela pesquisa acadêmica está no parcelamento da aplicação do dejetos líquido suíno no solo e no manejo respeitando a curva de absorção de cada nutriente necessário para o desenvolvimento da bananeira da terra. Ou seja, a planta só recebeu nutrientes na quantidade certa e quando necessitou deles.

Ao citar a curva de absorção, a pesquisadora explica que a aplicação do material orgânico na bananeira da terra tomou por base o seu estágio fenológico. Em linhas gerais, é a observação das diferentes fases do crescimento e desenvolvimento das plantas, não se atentando somente à análise do solo.

BAIXO CUSTO E SUSTENTABILIDADE

A doutora em Produção Vegetal Marjorie Spadeto ressalta a importância da bananicultura para a agricultura familiar do Espírito Santo e a necessidade de os produtores rurais baratearem os custos na propriedade a partir do uso do efluente da suinocultura como fertilizante.

“O que encarece os cultivos são os insumos agrícolas, por isso o uso do efluente se apresenta como opção viável,

principalmente em pequenas propriedades com criação de porcos em chiqueiro. A ideia é tornar solução aquilo que era problema no quintal, promovendo uma gestão ambiental mais correta na propriedade”, salienta a doutora.

Antes de ser aplicado na plantação, o dejetos líquido do chiqueiro passou por um sistema de tratamento com três etapas. A primeira foi o

gradeamento (para retenção dos sólidos mais grosseiros), a segunda foi o decantador e, por fim, a lagoa de estabilização. O processo é importante para tornar os nutrientes disponíveis, ou seja, mineralizados, para absorção pelas plantas.

Outra boa notícia é que a utilização do efluente de suinocultura na bananeira da terra é uma prática ambientalmente correta. A pesquisa revelou que o uso do dejetos líquido não causou malefícios ao solo, tampouco ao lençol freático, num período de dois anos.

JOVEM APAIXONADO PELA AGRICULTURA SONHA EM MONTAR AGROINDÚSTRIA

**MARCOS DA SILVA CASTRO,
PRODUTOR RURAL DE SÃO
JOSÉ DO CALÇADO, PLANTA
FRUTAS E HORTALIÇAS E QUER
INOVAR EM SUA REGIÃO**

Desde muito jovem o produtor rural Marcos da Silva Castro acompanha seu pai e avô na agricultura, o que o incentivou a seguir carreira na atividade. Formado no curso técnico agrícola, hoje trabalha na propriedade rural da família em São José do Calçado (ES) e produz frutas e hortaliças comercializadas na feira livre de Bom Jesus do Itabapoana.

“Sou um apaixonado pela roça! Quando minha mãe precisou passar por um tratamento de saúde, meu pai deixou a propriedade para que eu cuidasse. Eu tinha que direcionar tudo, decidir o que era prioridade na semana, ensinar os trabalhadores contratados e isso fez com que eu tivesse mais gosto pela atividade”, conta Marcos.

O Sítio Cachoeira Bonita é especializado na produção de frutas e hortaliças e Marcos revela que os projetos futuros incluem a montagem de uma agroindústria de polpa de frutas, inovação em sua região. Ele também vende mudas de frutas como maracujá, graviola e pinya, para propriedades rurais vizinhas.

“Já estamos juntando recursos para montar a agroindústria e regularizá-la. Vimos essa oportunidade no mercado porque em São José do Calçado ainda não existe. Temos a matéria-prima em nossa propriedade, mas também incentivo que produtores do entorno plantem para nos fornecerem no futuro”, diz.

Marcos conta que foi através dos treinamentos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES) que se especializou na prática agrícola. Ele já fez mais de 10 capacita-



ções da instituição, entre elas olericultura, tratorista, poda e desbrota de café arábica e café conilon.

“O curso técnico agrícola e os treinamentos do Senar contribuíram muito para o que sei hoje. Quando fazemos tudo com organização e planejamento, a propriedade dá retorno. Contamos com os fatores climáticos também, mas só depende da gente fazer conforme o planejado e conseguir bons resultados”, revela.

Marcos também é mobilizador do Sindicato Rural de São José do Calçado. Ele forma as turmas e organiza os treinamentos do Senar-ES na região. “Pretendo sempre continuar trabalhando na agricultura, desenvolver e aumentar a nossa produção, além de incentivar os produtores do município a se aprimorarem cada vez mais”, conta.

Conheça a história de outros produtores rurais no Espírito Santo em: www.senar-es.org.br/ValorizeoProdutor.

Cafeicultores do norte capixaba recebem sementes do conilon Conquista

A 'ES8152 Conquista', cultivar melhorada de café conilon propagada por semente, foi apresentada aos cafeicultores da região norte do Espírito Santo. A iniciativa foi do Incaper e da Secretaria de Estado da Agricultura (Seag).

Em razão da pandemia do novo coronavírus, a apresentação da cultivar foi feita por meio de um vídeo, gravado em Barra de São Francisco, e disponibilizado nas redes sociais do Incaper e da Seag. Como parte da ação, foram distribuídas aos cafeicultores do norte cerca de 300 kg de sementes da cultivar Conquista.

"Estamos celebrando a apresentação da variedade conquista propagada por semente em Barra de São

Francisco e região. O Espírito Santo produz 20% do café conilon do planeta, nós triplicamos a produtividade, saímos de 17 sacas por hectare para mais de 42 sacas. Tudo isso só foi possível graças ao trabalho de excelência em pesquisa e extensão rural feita pelo Incaper ao longo de todos esses anos. Não tenho dúvidas que o café capixaba vai continuar sendo referência no mundo", disse o secretário da Agricultura, Paulo Foletto.

Para o diretor-presidente do Incaper, Antônio Carlos Machado, a apresentação da cultivar Conquista aos agricultores do norte capixaba tem uma importância significativa para a cafeicultura do Espírito Santo. Segundo Machado,



a intenção é dar mais equidade à produção de café em todas as regiões do Estado.

"Nós lançamos a cultivar Conquista no sul do Estado, justamente para fortalecer e valorizar a cafeicultura de conilon daquela região. Mas, a força do conilon está no norte, que é responsável pela maior parte da nossa produção. Além disso, historicamente, a região norte é a que mais sofre com o déficit hídrico. Por isso, a importância de apresentar a cultivar Conquista aos agricultores da região".

Com informações do Incaper.

VEM VER O NOVO EPISÓDIO DA SAFRINHA.
O AGRO CAPIXABA EM QUADRINHOS.

Acesse pelo QR CODE no seu celular ou safraes.com.br/safrinha

QR CODE

Safrinha

TEM CAFÉ?
ESPECIAL OU TRADICIONAL?
TEM, SIM SENHOR!

Por conta da pandemia da Covid-19, os principais eventos do calendário agro foram adaptados para o ambiente virtual para manter a difusão de conhecimento entre os produtores rurais. E tem novidade em concursos de qualidade de café e ovos. Confira!

COOPEAVI 360°

As lives técnicas seguem até 16 de setembro no canal do Youtube. São 18 temas diferentes, abrangendo as áreas de atuação da cooperativa (avicultura, cafeicultura, pecuária leiteira e hortifrut). A programação completa está disponível no site: www.coopeavi360.coop.br.



[6] LEANDRO FIDELIS/ARQUIVO SAFRA ES

CONCURSOS DE QUALIDADE DE OVOS

A 4ª edição do Capixaba e a 6ª da Coopeavi serão promovidas dia 9 de outubro (Dia Mundial do Ovo) com transmissão ao vivo e sem a presença do público, direto da sede da Coopeavi, em Santa Maria de Jetibá. Ambos os concursos acontecerão das 8 às 13h, e o anúncio dos vencedores será feito pela organização logo após a compilação dos resultados.

FEIRA DE TOUROS

Interessados em comprar reprodutores de qualidade têm até 28 de agosto para procurar os escritórios do Incaper nos municípios, que estão registrando as demandas para o evento. Este ano, a Feira será realizada virtualmente entre 25 de setembro e 2 de outubro. Realizada pela ABCZ, é um momento em que o produtor tem acesso a animais com genética melhorada, que pode potencializar os resultados do rebanho.

FEIRA DE NEGÓCIOS COOCAFÉ

De 6 a 15 de agosto, a cooperativa realizou pela primeira vez o evento, em sua 9ª edição, em ambiente virtual. A Feira manteve a oferta de produtos e condições especiais para os cooperados. No encerramento, uma live com a participação de artistas regionais que fazem parte da história da Coocafé também comemorou os cinco anos das Rações Coocafé.

SIC 2020

De 18 a 20 de novembro de 2020, a Semana Internacional do Café irá conectar toda a cadeia do café brasileiro a mercados, conteúdo de qualidade, novidades e lançamentos das principais marcas do setor. Será 100% digital e gratuita, por meio de uma plataforma exclusiva, desenvolvida especialmente para o evento. Mais em: <https://semanainternacionaldocafe.com.br>.

PRÊMIO CAFÉS ESPECIAIS DO ES

Inédito no Estado, numa realização do Incaper e da Seag, é voltado a produtores de arábica e conilon. As amostras de conilon devem ser encaminhadas até 15 de setembro, enquanto as de arábica, até 20 de outubro. Os cafeicultores participantes concorrem a uma premiação que pode chegar a R\$ 100 mil. O regulamento está disponível no site do Incaper.

FLORADA PREMIADA

Estão abertas até 22 de setembro as inscrições para o Concurso Florada Premiada, da Três Corações. O projeto visa unir e empoderar cafeicultoras e trazer melhores práticas na produção de cafés especiais, gerando valor para toda a cadeia, da produção ao consumo.

Experimente
o sabor da
energia

creative



CAFÉ
Guardião

#Écafé
comforça

[f @cafeguardiao](https://www.facebook.com/cafeguardiao) [@cafeguardiaooficial](https://www.instagram.com/cafeguardiaooficial)



somos
COOP»

Ser cooperativista vai muito além das palavras

Trabalhamos de forma colaborativa e justa, em busca de um mundo com melhores oportunidades para todos. Por isso, os nossos produtos e serviços também são diferenciados.

O selo SomosCoop é garantia de identidade e qualidade.

